



DL-01

Ses. Esp. 15/08/13

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração ao Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha.

Quero compor a Mesa convidando a deputada Neusa Cadore, presidente da Comissão dos Direitos da Mulher desta Casa; a Sr^a Jaciara Ribeiro, representante da secretária de Políticas para as Mulheres do governo do Estado, secretária Vera Lúcia; a Sr^a Vilma Reis, representante do secretário de Promoção de Igualdade Racial do Estado da Bahia, secretário Elias Sampaio; a Sr^a Capitã Bruna Graciele, representante do comandante-geral da Polícia Militar, coronel Alfredo Castro; o Sr. Antônio Pitanga, esposo e representante da deputada federal Benedita da Silva; a Sr^a Prefeita do município de Governador Mangabeira, Domingas da Paixão; e a Sr^a Presidente do Sindomésticas, Creuza Santos. (Palmas)

Igualmente, com a mesma honra com que convido todos da Mesa, quero convidar uma colaboradora de quase todas as horas desta comissão, a atriz Neuza Borges, baiana como todos nós; (palmas) e convido a Sr^a Diretora de Combate ao Racismo da UNE, Marcela Santos.

No decorrer da sessão registraremos outras presenças. Dois convidados para compor a Mesa confirmaram presença e estão chegando, iremos compondo a Mesa à medida que forem chegando. Antes de registrar todas as presenças, quero também registrar a presença dos estudantes do Colégio Montessoriano, que estão cumprindo o programa “A Escola e o Legislativo”. (Palmas) Recebemos esses estudantes com muita satisfação.

Neste momento, assistiremos a uma apresentação musical da cantora Márcia Short.
(Pausa)

Pessoal da organização, ajude a Márcia, porque parece que a pegamos de surpresa. Mas artista tem dessa coisa, Márcia.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

A Sr^a Márcia Short:- Bom-dia. Desculpem a minha surpresa, mas realmente não sei o que fazer. (Palmas)

(Apresentação musical.)



5940-III

Ses. Esp. 15/08/13

Or. Bira Corôa.

Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Mais uma vez, obrigado Márcia. Não podia ser melhor a surpresa.

Solicito à deputada Neusa Cadore que conduza os trabalhos da Mesa para que eu possa fazer um pronunciamento de abertura.

A Srª PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Concedo a palavra ao deputado Bira Corôa.

O Sr. BIRA CORÔA:- Bom-dia a todas e a todos. Com muita satisfação estamos na segunda edição do *Pérola Negra Benedita da Silva*. Antes de mais nada, quero agradecer à deputada federal Benedita da Silva que honrosamente nos concede o seu nome para que esta atividade aconteça nesta Casa, neste Poder Legislativo, compreendendo que estar hoje celebrando o Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe é muito mais do que estar promovendo um evento. É chamar a sociedade baiana, brasileira e internacional, para uma reflexão, para um momento diferenciado de olhar e de construir essa nossa nova sociedade. Lógico que não podemos desmerecer os dados estatísticos e muito menos não reconhecer o processo de transformação e de condução que levou a mulher e a mulher negra na América Latina e no Caribe à condição de isolamento, de abandono, de descaso e por que não dizer de marginalizada nas políticas e ações públicas. Lógico que a mulher negra não recebeu isso comodamente, ela vem contribuindo com esse processo de transformação na luta, na resistência e na construção desse novo momento que vivem a Bahia e o Brasil. E exatamente esse eixo da nossa celebração e da nossa comemoração. É destacar, de fato, o papel e a importância que a mulher negra vem desempenhando e desenvolvendo na consolidação da sociedade brasileira e por que não dizer latino-americano e no Caribe.

Poderíamos passar o dia inteiro aqui apenas destacando fatos e retratando ações e personalidades que vêm construindo gradativamente a nossa história e que vêm transformando a nossa realidade. E é com isso que abro o dia de hoje, primeiro, saudando toda a Mesa e para ganhar tempo vou pedir licença e desculpa a Mesa, não vou destacar



nominalmente todos, vou saudar em nome da deputada Neusa Cadore, até para avançarmos um pouco mais e permitir que o brilho maior fique com o destaque das homenageadas no dia de hoje. Porque na minha avaliação, o ponto maior desse evento é poder apresentar aqui hoje as homenageadas que vêm contribuindo com o processo de transformação e de consolidação social que acreditamos e defendemos.

Não poderia deixar de dizer da importância de diversas mulheres no contexto da nossa história, e dizer isso porque a nossa história também é muito cruel, ela é uma peça dentro deste Estado ainda consolidado como racista e numa construção de uma sociedade discriminadora, onde o machismo, que ainda perdura, colocou as mulheres na condição de submissas e muitas vezes inexpressivas. Mas as mulheres ao longo desse processo têm um papel de destaque, uma ação de transformação e de consolidação e que precisa ser pontuado. E tenho dito sempre que estamos no momento em que estamos reescrevendo a nossa história. Estamos incluindo na história do Brasil os nossos personagens, estamos incluindo no Brasil os protagonistas que, de fato, consolidaram a nossa história.

E assim, deputado Carlos Brasileiro, é que o contexto social vem se consolidando e se construindo. E aí queria destacar que ainda na nossa história não apenas escravos na concepção de objetos, como assim foi introduzido no mundo e no Brasil, mas o trato dado aos irmãos e irmãs negras que foram extraídos na condição de sequestrados da mãe África e introduzidos no Brasil, que atravessaram o oceano na pior das condições humanas, nos porões dos chamados navios negreiros.

Mas nem esse estado deprimente e essa condição anti-humana foi suficiente para apagar a memória e a vontade de transformar e de construir um novo mundo. E é assim que a mulher negra chega ao Brasil, é assim que a mulher negra chegou à América Latina e ao Caribe. E na concepção de transformadoras, de guerreiras e de militantes é que elas deram uma contribuição significativa. Vou destacar aqui a Cotirene, a Quatúnia que não eram apenas mulheres na condição de mulheres submissas, mas que deram contribuição para a consolidação de esteio e de transformação nos nossos quilombos na luta de resistência.

Destacar também Dandara, as Felipas e quando digo as Felipas refiro-me as duas Marias, a Maria Felipa, na Paraíba, no Quilombo do Mola e a Maria Felipa, na Ilha de



Itaparica, na nossa tão reconhecida história da Bahia. Zeferina, Luiza Mahin, mas também destacar que aqui, neste recinto, hoje temos representações de mulheres que fazem e cumprem esse mesmo papel.

É assim que podemos destacar toda esta Mesa: Neusa, as Neusas, Mãe Jaciara...

Se olharmos para o Plenário, podemos destacar todas as mulheres que aqui estão e que, significativamente, cumprem um papel de transformação nesse contexto da nossa sociedade, muitas ainda invisíveis, Vilma Reis, muitas ainda vivenciando os descasos, os desrespeitos e o olhar restrito do próprio Estado, mas que, em seu cotidiano, vêm construindo essa transformação que todos nós acreditamos.

É por isso que o dia de hoje, na minha avaliação, não é para estarmos retomando as condições submissas que estamos vivendo, mas apontar alternativas e saídas para esse momento e construir essa nova transformação.

Estar nesta Casa, como deputado negro, oriundo de uma família operária, originário desta cidade – nasci no Subúrbio Ferroviário, mas me criei e me assumo como de Camaçari –, retrata muito isso, retrata as dificuldades que, como jovem e como homem negro, tive que enfrentar, e tenho ainda que enfrentar nesta sociedade.

Mas isso é insignificante diante do que têm que enfrentar as mulheres que aqui estão, insignificante diante do que têm enfrentado as nossas homenageadas de hoje. Mas o mais importante é que as dificuldades não foram suficientes para as distanciar da luta e muito menos apagar o sonho de ter uma sociedade mais justa e mais igualitária.

Que bom que temos hoje tantos jovens, garotas e garotos, participando deste evento, porque é exatamente este o grande objetivo, levar à sociedade baiana que ainda temos uma dívida histórica com as mulheres, com as mulheres negras baianas, que o Brasil ainda tem uma dívida histórica com as mulheres negras brasileiras, que toda a América Latina e o Caribe têm essa parcela de dívida. Precisamos, neste tempo presente, construir essa nossa transformação.

Não foi à toa, Neusa Borges, como relatou nesta Casa, quando aqui esteve sendo homenageada, que você teve dificuldades para quebrar as barreiras dentro de uma rede de comunicação brasileira, como a Rede Globo. Não é à toa que Pitanga, como homem negro,



baiano, enfrenta para implementar programas, projetos ainda nesse Brasil negro. E é lógico que quando destacamos pontualmente cada uma das situações e das dificuldades não estamos, com isso, tentando esconder ou apenas setorizar situações, mas chamar a atenção da sociedade. E esse é o momento presente, e o momento da transformação.

Sinto-me muito gratificado não apenas pela presença desta Mesa, pelo simbolismo ou pela representatividade sócio, política e transformadora que ela representa, mas muito mais gratificado pela presença no Plenário de quem, de fato, vem construindo a nossa real identidade.

Não me alongando muito – não usei parte do discurso porque a emoção nos toma e fica mais real deixar fluir o que vem de dentro –, quero dizer, Márcia Short, que a surpresa muitas vezes nos impõe a desafios, e os desafios, muitas vezes, trazem respostas muito mais afirmativas, construtoras e transformadoras. A sua abertura hoje não podia ser diferente, não podia ser diferente porque nos trouxe para a espiritualidade, remeteu-nos a forças maiores que nos concebe e nos permite estar, hoje, na condição de baianos, de negros e de negras, e foi essa mesma força espiritual que permitiu que milhares de mulheres neste Brasil afora e nesta Bahia adentro pudessem contribuir para que a nossa identidade não fosse apagada. E o direito hoje de assumir a negritude não fosse tão expressiva quanto tem sido. E é exatamente em nome das representações de matriz africana aqui presentes que eu quero encerrar com um agradecimento: agradeço ao candomblé e à capoeira por hoje poder assumir a minha negritude. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5941-III

Ses. Esp. 15/08/13

Or^a Neusa Cadore

Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, vamos assistir a um vídeo e, em seguida, passaremos às falas dos membros da Mesa.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero fazer uma correção e convidar para compor a Mesa a superintendente de Educação Amélia Teresa Marauz, representando o Secretário da Educação, Osvaldo Barreto. (Palmas)

Devo justificar a composição da Mesa, já que nos foi feita uma solicitação para que esta fosse composta genuinamente por mulheres – aqui de intrusos estamos eu e Pitanga.

E aproveito para registrar as presenças de Rudimar Mota, assessor da presidência da Cerb; de Dr. Bento, que aqui também está representando a Cerb; do prefeito de Ichu, George; de Fábio Pereira, secretário de Cidadania e Inclusão do município de Camaçari; da Comissão de Proteção aos Direitos da Mulher da OAB; da AME Brasil; da Escola Municipal Francisco Sande; Escola Municipal Alto de Coutos; estudantes da UNE, como entidade, e da UEB; da Marcha Mundial das Mulheres; da defensora pública do município de Itanagra, Maria Antônia dos Santos Ferreira; de Mãe Lia, sempre presente, do Terreiro Ilé Axé Tomomi; da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos. (Palmas)

Neste exato momento, passo a palavra à deputada Neusa Cadore, presidente da Comissão de Políticas para as Mulheres desta Assembleia.

A Sr^a NEUSA CADORE:- Bom-dia a todas e a todos.

Quero saudar a Mesa na pessoa do nosso valoroso companheiro deputado Bira Corôa, que é presidente da Comissão de Promoção da Igualdade e hoje preside esta importante sessão. Saúdo também a Sr^a Jaciara Ribeiro, que aqui representa a nossa querida Lucinha, secretaria de Políticas para as Mulheres; saudar a Sr^a Vilma Reis, representando aqui o secretário da Promoção da Igualdade Racial, nosso companheiro Elias Sampaio; a Capitã Bruna Graciele, que aqui representa o Comandante-Geral da Polícia Militar, Coronel



Alfredo Castro; nosso queridíssimo baiano, Antônio Pitanga, é a segunda vez que temos o prazer de tê-lo conosco, da outra vez ele veio acompanhado da nossa valorosa deputada Benedita da Silva, mas hoje ele está aqui representando muito bem e nos dando a alegria do seu retorno a sua terra; a Sr^a Prefeita de Governador Mangabeira, Domingas Paixão; a Sr^a Presidente do Sindomésticos, Creusa Santos; a Sr^a Atriz, Neuza Borges; a Sr^a Diretora de Combate ao Racismo da UNE, Marcela Santos; Sr^a Superintendente de Educação, nossa querida companheira Amelinha, que aqui representa o Secretário de Educação, Osvaldo Barreto; saudar todas as representações que estão aqui, quem veio das escolas, esse público e todos nós, hoje, temos a oportunidade de ter um momento de reflexão e de aprendizado muito especial.

Quero parabenizar, mais uma vez, o deputado Bira Corôa, um parlamentar muito atuante, e ele bem lembrou que esta é a Casa do Povo e tem a população negra muito pouco representada. Saudar o deputado Carlinhos e a deputada Luiza Maia, que também representa a Comissão e nos ajuda, como grande defensora, aqui, da luta das mulheres.

O nosso companheiro Bira tem feito, do exercício do seu mandato, um permanente esforço de democratizar esse espaço, de fazer uma política diferente, e traz com muita força, para esta Casa, principalmente através da Comissão da Promoção da Igualdade, uma comissão muito atuante, que é um espaço aberto, um espaço onde nós temos oportunidade, um espaço muito frequentado por vários grupos, onde se debate esse importante desafio, considerando que estamos na Bahia, em Salvador, desafio enfrentado pelo povo negro.

E hoje a reflexão do tema ultrapassa os limites da Bahia, ultrapassa os limites do Brasil, porque o tema oferece para nós a oportunidade de discutir a questão do povo negro, com um viés que é muito importante, a mulher negra, não só no Brasil, não só em Salvador, mas, também, na América Latina e no Caribe.

E, são espaços como esse que são importantíssimos para dar visibilidade para a luta, para a resistência - ninguém melhor que o povo negro para simbolizar a capacidade de resistência de um povo - , e também dar visibilidade aos desafios. E a mulher negra enfrenta desafios que se combinam por conta da exploração capitalista feroz, da opressão do racismo, da opressão do machismo.



Nós temos que lembrar que nos últimos anos mudanças importantes aconteceram em nível, também, dos nossos governos, que nos ajudam e vêm de encontro ao desejo, à tarefa, ao desafio de reduzir as desigualdades. Na Bahia nós temos a Sepromi e no Brasil nós temos a Sepir, que são espaços governamentais que reconhecem que o Estado tem responsabilidade em promover o diálogo e criar mecanismos para que as políticas públicas sejam comprometidas com esse desafio de promover a igualdade entre os povos, e, particularmente, com o povo negro.

Se nós temos uma caminhada grande para superar as desigualdades da comunidade negra, nós também estamos cansados de saber que a violência das desigualdades, ela é muito mais forte em relação à mulher negra.

As mulheres negras, as jovens negras são aquelas submetidas às piores condições de trabalho, as que sofrem na pele a ausência dos direitos trabalhistas, as que ganham menos salário. São as que são maioria nos estágios temporários, nas empresas terceirizadas. São as que menos estão presentes dentro das salas de aula e das universidades. É importante ressaltar que as políticas das cotas e do Pró-Uni favorecem a inclusão nesse aspecto.

Nós sabemos que cada jovem negro tem 139% de chance a mais do que um jovem branco de ser vítima da violência. E aí a mãe negra sente na pele o que é perder filho, companheiro, irmão ou outro familiar por conta também da repressão policial.

Eu gostaria de fazer um destaque a uma categoria muito importante para o trabalho produtivo na nossa sociedade: são as trabalhadoras domésticas. (Palmas) Estamos aqui com Creusa, que preside o Sindomésticos/Ba. E quero lembrar à nossa outra valorosa companheira, Creuza Oliveira, que está lá em Brasília acompanhando porque é um parto difícil, que nesta manhã em que falamos da mulher negra temos de ressaltar que no Brasil são 7 milhões de trabalhadores domésticos, e a maioria dessa categoria é formada por mulheres negras.

Em abril deste ano trabalhadores e trabalhadoras domésticas tiveram uma conquista histórica: a aprovação da PEC 72, que estabelece que 16 itens já assegurados aos outros profissionais passam a ser direito deles também. Estamos acompanhando e neste momento da regulamentação dessa lei tão importante, deputada Luiza, nós ainda enfrentamos



dolorosamente a resistência para que, de fato, ela tenha a cara dos direitos que são negados à mulher negra.

Aí, não podíamos deixar de destacar a importante atuação da nossa querida Benedita da Silva e da nossa senadora Lídice, pessoas imprescindíveis para que pudéssemos avançar e tirar da gaveta um projeto assim para essa categoria que na verdade vem sendo mantida ainda nos tempos de hoje, em pleno século XXI, num regime de escravidão, sem poder ter ascensão social, sem poder ter carga horária definida, sem poder estudar, sem poder se desenvolver.

Então, companheiro Bira, parabéns! Queria agradecer a todas as pessoas que vieram aqui à Mesa colaborar com o debate e a todos os outros que, vindo a sessões como esta, participam deste movimento de articulação, sensibilização e reflexão. Este momento permite que alimentemos nossos sonhos e tenhamos muita clareza acerca das prioridades e do papel que temos de ter na nossa passagem por esta vida.

Muito obrigada. Que a gente tenha força para continuar na luta de todos e de todas, mas especialmente da mulher negra, brasileira, baiana e latino-americana, para poder alimentar este sonho da certeza de que uma vida sem violência, plena de direitos, felicidades e paz é possível a todo mundo. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



5942-III

Ses. Esp. 15/08/13

Or. Antônio Pitanga

Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero ainda registrar as presenças dos deputados Carlos Brasileiro, Maria Luiza, Euclides Fernandes, João Bonfim e Luiza Maia e do vereador Professor Didi, da cidade de Caém. (Palmas!) Registro também a presença do superintendente adjunto do INCRA, Dr. Jaime Guilherme (palmas); da Dr^a Andrea Marques Silva, presidente da Comissão dos Direitos da Mulher da OAB-Bahia (palmas); da Sr^a Vivian Boaventura, aqui representando o secretário da Justiça, Dr. Almiro Sena. (Palmas)

Vou chamar Antônio Pitanga para fazer uso da fala, trazendo a saudação da nossa deputada Benedita da Silva. Além de homenageada nos honra cedendo o nome para a segunda edição desse grande evento.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra Antônio Pitanga.

O Sr. ANTONIO PITANGA:- Bom-dia!

Não sou a Benedita da Silva, mas minha porção mulher também é Benedita da Silva. Estou aqui representando a Benedita. Mas o que é esse momento exatamente antes de fazer a fala que a Benedita mandou por escrito? Eu estava ali observando e passou um filme pela nossa cabeça desse momento nobre, ímpar. E coloco para o deputado Bira, o grande maestro desse momento: este vídeo é um grande estudo, deveria e deverá chegar às escolas para estudo, redação, tese. Cada figura ali mostrada é valiosíssima e não pode ficar na mão de algumas poucas pessoas. Tem que chegar à universidade.

Acho que nós temos que propalar aos quatro ventos a importância desse pilar deste país: a mulher. (Palmas) A gente diz e está na Bíblia que viemos de vocês. Não basta só dizer que viemos de vocês. Vocês continuam trabalhando, trabalhando e construindo, como construíram essa nação, o Brasil.

Em minha cabeça, observo as coisas e penso sobre a história do samba. Como nasce o samba no Rio de Janeiro? Na casa de uma baiana chamada Tia Ciata, por isso temos as baianas. Reuniam-se num quintal, porque a Polícia estava perseguindo os sambistas, os



capoeiristas e os negros. Estavam Paulo da Portela, Donga Pelo Telefone, todos eles com os quitutes da Tia Ciata e outras amigas. E aí nasce o samba, mas ninguém fala disso. O samba foi construído só por mulheres. O que se diz é que o samba é Paulo da Portela, Cartola, pronto! E as mulheres?

A importância dessas mulheres como Luísa Mahin e Menininha do Gantois, deputado Bira, tem que chegar às escolas, às universidades, servir como tema de redação, como tese. Só assim vamos conhecer melhor o nosso País por dentro.

Bom, aqui estou para ler um texto enviado pela companheira Benedita da Silva:

(Lê): “Prezado deputado estadual Bira Corôa, do Partido dos Trabalhadores do Estado da Bahia, demais agraciadas e participantes aqui presentes:

O Troféu Pérola Negra Benedita da Silva, de iniciativa do deputado estadual Bira Corôa, é uma premiação concedida as mulheres negras da América Latina e Caribe, que se destacam em sua área de atuação e são reconhecidas pela sua importância na defesa da promoção da igualdade.

Esse ano (2013), infelizmente, compromissos no Congresso Nacional impediram que a deputada federal Benedita da Silva estivesse presente à solenidade para parabenizar as mulheres agraciadas com o troféu.

Trago o abraço especial da Bené e a saudação ao professor, biólogo e deputado estadual Bira Corôa, presidente da Comissão Especial de Promoção da Igualdade (Cepi) da Assembleia Legislativa da Bahia, que se consolidou como um espaço político para promover debates sobre promoção da igualdade. Essa Comissão representa um fórum de discussão para seguimentos da sociedade, como ciganos, indígenas, albinos, povos e comunidades tradicionais, quilombolas e LGBT (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Por vezes desloca-se até os municípios distantes para ouvir e encaminhar as demandas da população.

Bira Corôa sempre foi militante da igualdade racial e justiça social. Então, quero também homenagear o companheiro Bira e agradecer mais uma vez seu gesto nobre, reconhecendo que com a entrega do troféu, é possível contemplar não só a deputada federal Benedita da Silva, mas outras mulheres que se destacaram na defesa e promoção da



igualdade. Como Benedita, elas tiveram coragem para seguir suas escolhas e defender essa causa, contribuindo para o empoderamento e visibilidade da mulher negra e, acima de tudo, combater a falta de oportunidade, as desigualdades de gênero e a discriminação racial.

Muito obrigada.”

Um abraço a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5943-III

Ses. Esp. 15/08/13

Or. Bruna Graciele

Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Registro a presença da vereadora Lúcia Maria, do município de Ichu; do terreiro Uncango Dunzambi; da vereadora Maria Almeida dos Reis, de Caém; do vereador Shidney dos Reis Pereira, também de de Caém; de Altamira Simões, presidente do Grupo Mulheres Aloey e Yalodê; de Maria Anilce da Anunciação, coordenadora étnico-racial da Secretaria da Educação de Irará; do colégio Alaor Coutinho, de Mata de São João; de D. Nildes, do Grupo Espermacete, que representa a cultura do nosso município de Camaçari; Djalma Torres, presidente do Centro de Pesquisa, Estudos e Serviço Cristão.

No dia de hoje também estaremos homenageando Benedita da Silva, deputada federal, marco histórico na luta, primeira mulher negra a chegar ao Congresso Nacional como deputada, primeira mulher negra a assumir o Estado do Rio de Janeiro. Teria o dia inteiro para destacá-la.

Também estão sendo homenageadas hoje com muita satisfação a bispa Valdirene Francisca Santos Miranda, que representa a AME Brasil; a militante Josélia Santos, e chamo de militante porque tive o privilégio, junto com ela e diversos outros companheiros e companheiras, de estar no processo de fundação do Partido dos Trabalhadores no município de Camaçari; a nossa cantora Márcia Short, muita satisfação; Sueli Nelson Argolo, que vem representando Juazeiro e região; Vilma Silva de Jesus, representando Irará e região; Nilzete Bacelar, de Ichu; Ednéia Souza Santos, representando Cruz das Almas e Recôncavo; Terezinha de Jesus Santos Almeida, do Extremo Sul, de Santa Cruz de Cabrália; Ana Cristina Santos, da Rede Afro LGBT; Mãe Carmen, religiosa de matriz africana; Ana Lúcia, do nosso subúrbio; Maria Ana Almeida dos Reis, que veio de Caém, mas representa a história da nossa luta, representante quilombola naquele município; professora Graça Guimarães, também educadora do município de Camaçari, que não pode estar presente, mas



justificou. Quero também registrar a presença de Ana Torquato, representando o gabinete do deputado Marcelino Galo.

Quero, neste momento, passar a palavra a capitã Bruna Graciele, representante do comandante geral da Polícia Militar do Estado da Bahia. (Palmas)

A Sr^a BRUNA GRACIELE:- Bom-dia a todos. Queria cumprimentar a Mesa na pessoa da atriz Neusa Borges, é um prazer estar aqui no mesmo recinto que ela, é uma percussora da mulher negra de visibilidade no Brasil.

Queria começar minha fala informando a todos que estou aqui neste momento, o comandante geral me mandou para representá-lo por ser mulher, ser negra, com muito orgulho, e porque faço parte de um grupo da Polícia Militar, de uma seção chamada Centro Maria Felipa, uma seção de valorização da mulher policial militar, é uma seção, digamos, inovadora, dentro da Polícia Militar porque não sei se vocês sabem que a mulher na Polícia Militar só tem 23 anos. Uma corporação que tem 188 anos, então temos 165 anos de desvantagem em relação aos homens.

Então, a Polícia Militar é muito machista ainda e naquela época em que nós entramos era muito mais. Eu perdoo o erro do deputado Bira Corôa quando ele se enganou e falou o nome de uma pessoa muito importante para o Centro Maria Felipa, que é a Capitã Denise Santiago. Ela é a fundadora do Centro Maria Felipa, eu sou a sucessora dela, e para quem conhece, ela se parece muito com Maria Felipa, inclusive, negra, bem corpulenta, uma pessoa muito alegre, muito carismática e ela foi a fundadora do Centro Maria Felipa.

O Centro Maria Felipa foi fundado em 2006. Depois de 18 anos da mulher na Polícia Militar ela percebeu que ainda tinha muita diferença entre os sexos, as mulheres ainda eram muito preteridas na Polícia Militar. Ela fundou esse Centro para dar apoio e visibilizar a mulher na Polícia Militar. Apesar de as mulheres estarem há 23 anos na Polícia Militar, temos um efetivo muito pequeno, apenas 10% dos integrantes da Polícia Militar são mulheres. E nós fomos incorporadas para tentarmos humanizar a Polícia Militar, para tentar fazer com que a Polícia Militar deixe de ser tão repressiva e passe a ser preventiva, que realmente é a função da Polícia Militar.



Então, a mulher tem uma importância muito grande na Polícia Militar de tentar tirar esse estigma da ditadura, esse estigma de perseguidor, daquele que vem para punir a pessoa e assumir a sua função original, precípua, que é de prevenir o crime, ao invés de reprimi-lo. A mulher entrou na polícia com esse intuito. Somos poucas, a maioria é negra, inclusive toda a corporação da Polícia Militar, não sei se vocês sabem disso, a maioria é negra, sei que alguns de nós, mesmo sendo negros, continuamos repetindo coisas que a sociedade racista nos ensinou, às vezes discriminando o negro, nosso igual, nosso irmão. A Polícia Militar vem mudando esse pensamento no intuito de fazer com que a gente possa ser cada vez mais igualitário, tratar as pessoas da mesma forma, homem, mulher, negro, branco, oriental ou indígena.

Quero agradecer pelo convite e parabenizar o deputado Bira Corôa. Estive aqui no ano passado também, foi um ótimo evento, precisamos prestigiar essas mulheres, visibilizar cada vez mais a mulher negra, porque sabemos que na história pouco se fala da mulher negra, pouco se fala do negro, da mulher negra, então, muito pior. Então, é importante que a gente marque na história, lembre que a mulher negra esteve presente não só na cozinha, na senzala, mas também trabalhando politicamente, se mobilizando, lutando pelos seus direitos, não estamos só na cozinha, não. Estamos também no Plenário da Assembleia trabalhando para melhorar a vida das pessoas, das mulheres e do público em geral.

Quero agradecer mais uma vez o convite e parabenizar a todos.

(Não foi revisto pela oradora.)



5944-III

Ses. Esp. 15/08/13

Or. Creusa Santos

Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Ainda registrando as presenças. Registro a presença de Luiz Carlos Borges, secretário de Promoção da Igualdade Racial, do município de Governador Mangabeira; Cleonice Campos, subsecretária da Sedur, do município de Camaçari; Flávia Casletar, subsecretária da Secretaria da Mulher, do município de Camaçari; Edson Costa, coordenador do Fórum de Igualdade Racial, da Região Metropolitana de Salvador.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Passo a palavra, neste momento, à presidente do Sindoméstico-BA, Creusa Santos.

A Sr^a CREUSA SANTOS:- Bom dia a todas e a todos.

Quero agradecer ao deputado Bira Corôa pelo convite. Quero saudar a Mesa na pessoa da nossa atriz, de quem estou sentada ao lado, é uma honra, Neuza Borges. Quero agradecer, também, a Lindinalva pelo convite.

A nossa deputada Neusa Cadore já falou um pouco sobre o trabalho doméstico, então não serei repetitiva.

Chegar até aqui não foi fácil para quem começou a trabalhar com 12 anos de idade em casa de família, e só foi alfabetizada aos 20 anos... Desculpem, (Palmas) faz parte do processo.

A nossa luta, como trabalhadora doméstica que sou, é para a equiparação de direitos, que começou com D. Laudelina de Campos Melo, há cerca de 80 anos, em São Paulo.

Aqui, na Bahia, começou com a companheira Creuza Maria Oliveira, uma das fundadoras do sindicato da Bahia e que, hoje, é presidenta nacional da Federação das Trabalhadoras Domésticas. Ela não está aqui hoje, está em Brasília, no Senado, lutando, por todos os nossos direitos que, no primeiro momento, foram adquiridos, mas depois surgiu uma emenda aqui, outra ali, para tirar os nossos direitos. Não queremos pedaços de direitos, não,



queremos equiparação de direitos, sim, porque somos quase 8 milhões de trabalhadoras domésticas, na maioria mulheres negras e chefes de família.

Já pensou se fizéssemos uma greve de 1 dia, falo só de 1 dia, o que aconteceria aqui, no País? É uma vergonha, em pleno século XXI, nós, mulheres, mulheres negras, trabalhadoras domésticas, estarmos nessa situação em que vivemos. É inadmissível!

Quero pedir, também, ao deputado Bira Corôa e à deputada Neusa Cadore que também já vêm nesse processo há muitos anos, lutando, para que essa equiparação de direitos seja feita de fato.

Quero, também, agradecer às companheiras que estão aqui presentes: Maria do Carmo, Francisca, Francisco, Milca, Maria José, que também veio dar essa força, à companheira Beth e à companheira Laíza também. (Palmas!)

Quero dizer que nunca falei para um público tão grande como estou falando hoje. Não é fácil desde pequena ouvir: “Você não é capaz, você não vai a lugar nenhum”. Aí, você começa a internalizar isso. Para desconstruir isso é muito difícil.

Quero parabenizar, mais uma vez...

Quero falar, também, aqui para as crianças, as adolescentes que estão estudando agora, que segurem as oportunidades que chegarem. Na minha época não havia a facilidade que vocês têm hoje de curso, de universidade. Já fiz o ENEM não sei quantas vezes e não consegui passar ainda, mas não desistirei. (Palmas!)

É isso, vão em frente!

Eu não tive a oportunidade de escolher outra coisa quando era adolescente, e vocês têm hoje. Podemos ser o que quisermos, é só querer e ter oportunidade.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)



5945-III

Ses. Esp. 15/08/13

Or. Neuza Borges

Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, passo a palavra a Neuza Borges.

A Sr^a NEUZA BORGES:- Bom-dia a todos e a todas! Bom-dia, Mesa!

O Bira tem essa coisa de fazer surpresa. (Risos) Você sabe que morro de vergonha de ficar sentada ali. (Risos) Também não sei por quê.

Vou pegar um pedacinho da palavra do Pitanga. Eu tinha pensado em uma tonelada de coisas ali sentada, falei: “Meus Deus! Eu sei que vai me chamar para falar e eu não sei o que vou falar. Não sei mesmo!”

O Pitanga falou desse... Ai, foi tão bonito o que passou aqui! E, aliás, eu peguei uma frasezinha que costumo, às vezes – coisas que eu leio ou que alguém fala –, marcar no caderninho e guardar para mim para sempre.

A tenente falou de uma coisa da Polícia Militar 160 anos, e vocês, 23 anos, 20 anos, não é, como mulher. E me veio à cabeça: “Meu Deus do céu! Você fazer 60 anos de carreira, 73 anos de idade”, que vou completar, se Deus quiser, se Papai do Céu deixar; 45, acho que por aí, dentro da *TV Globo*, trabalhei também em outras emissoras no Brasil, mas continuo vendo, desde que comecei a minha carreira artística, as mesmíssimas coisas: “Onde está o negro? Quê a cota?”

Eu me sinto uma negrinha, negra, preta! Eu não tenho várias cores. Tenho orgulho, pelo amor de Deus, desta minha cor, Deus é testemunha disso! A minha luta, inclusive, dentro da *TV Globo*, todo mundo sabe, Antônio Pitanga sabe, o meu trabalho ali, agradeço sempre e vou agradecer sempre a Gloria Perez, a Marcos Schechtman e a Jayme Monjardim.

Quantos diretores há dentro da *TV Globo*, quantos escritores, quantos autores, e cadê o negro? São poucos que escrevem para o negro. Pitanga, para mim, é um grande ator. Cadê o Pitanga dentro da nossa televisão brasileira? Gente, eu vejo a branquitude entrar numa novela e sai na outra; entra numa, e sai na outra. Quando está fazendo uma, já está



escalada para outra e para outra. E o negro não pode fazer uma atrás da outra. Uma atrás da outra?! Leva anos! Eu fiquei já quatro anos, cinco anos, sem aparecer. E as pessoas disseram: “Nossa! Você está fazendo falta na telinha!”. Mas... mentira! Não batem palmas para negro, não! Apoiam sempre, sempre, os atores brancos, umas drogas que estão pintando hoje em dia, que se falar “ah!”, você cai duro e preto para trás. Mas eles estão ali!

Mulher negra na televisão é o menor salário. Então, quando as pessoas olham para a gente, dizem assim: “Nossa! Está com tudo em cima”. Mentira! A gente está tudo com o salário lá embaixo. (Risos) “Não, tem de ter carro, casa com piscina”, “Ué! Por que não se vestiu...”, por que não foi à boutique tal?

Aliás, você abre uma revista e as mulheres estão todas “ooohhhh!”... Modelo de “Hoshushoshos”... (Risos) Dona fulana com modelo “Hoshushoshos”... (Risos) A gente é preta e tem que dizer: “Eu mesma, não é?” O guarda-roupa... ou vai num brechó pegar as roupas da madame, e está tudo bem! Tudo em cima! Aqui, já sei que, na Bahia, há pessoas têm ojeriza a essa palavra. Não falo mais! As pessoas odeiam o brechó na Bahia.

Aí, o que acontece: eu, com esses anos todos de trabalho na *TV Globo*, como eu vou amar, vou chorar muito – porque estarei mesmo em fim de carreira – no dia em que alguém puder chegar lá dentro e dizer: “Tire o seu racismo do caminho que eu quero passar com a minha cor”. (Muitas palmas)

Está muito difícil. Mas eu tenho certeza de que continuarei lutando. Vou gritar, berrar, porque, por exemplo, agora, eu já saí de uma novela faz tempo. Eu não sei por quê. O povo que já estava quase junto, está todo mundo aí. A negra preta está aqui: negra preta, velha e cansada de guerra. Mas, estou lutando e esperando que Deus me dê uma oportunidade para eu continuar com esta luta contra o racismo e o preconceito na televisão brasileira, aliás, não só na televisão brasileira, mas no Brasil.

Muito obrigada. (Muitas palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



5946-III

Ses. Esp. 15/08/13

Or. Amélia Tereza

Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos.

Passo a palavra, neste momento, para a superintendente de Educação do Estado da Bahia, Amélia Tereza. (Palmas)

A Sr^a AMÉLIA TEREZA:- Bom-dia a todos e todas presentes neste Plenário.

Envio uma saudação especial a todas as mulheres negras que aqui se encontram, as nossas homenageadas. Eu vi, ali de cima, o quanto estão emocionadas com todas as falas proferidas neste Plenário. Então, para vocês, uma saudação especial.

Quero, também, fazer uma saudação às nossas estudantes que estão aqui na plenária. Vejo que, dentre os estudantes, só há um rapaz, pois o resto são meninas. Enfim, a maioria dos que estão aqui são mulheres, jovens, negras que vieram para esta sessão. Que bacana! Então esta saudação é para vocês. (Palmas)

Quero fazer uma saudação à Mesa na figura do deputado Bira Corôa e dizer que você tem um papel fundamental aqui na Assembleia Legislativa como deputado negro que vem desenvolvendo ações importantíssimas na Comissão da Igualdade em várias situações e em vários momentos.

Acho que esta sessão representa o esforço da comissão para que, de fato, as discussões, que giram em torno das políticas públicas de combate às desigualdades raciais, possam, efetivamente, ser discutidas e transformadas em ações e projetos efetivos para a maioria da população.

A deputada Neusa Cadore, presidente da Comissão dos Direitos das Mulheres, nesta Casa, tem realizado um trabalho muito importante no caminho de construção de uma ideia de política neste Estado diferente daquelas que nós, tradicionalmente, conhecemos. Portanto, queria fazer uma saudação para vocês.

Gostaria, também, de saudar as minhas companheiras, mulheres negras, que compõem esta Mesa tão importante como todas vocês: Vilma Reis, figura importante neste



processo de construção desta luta e deste enfrentamento; a atriz Neuza Borges, que aqui falou e nos emocionou muito; Cleusa Santos, que fez uma fala muito importante e bonita; a capitã do agrupamento Maria Filipa, pois é importante saber que a Polícia Militar, também, discute a possibilidade de se repensar como uma instituição que possa estar realmente voltada para a defesa do povo e não para o contrário, não é? Hoje, combate-se o racismo e o sexismo. É importante que vocês estejam lá, fazendo isso.

A companheira que aqui representa a secretária de Política para as Mulheres, Lucinha, importante nesse processo, o nosso ator, também querido, como Neuza, Antônio Pitanga, que faz o enfrentamento, esse processo de discussão sobre o racismo, o racismo dentro dos espaços da cultura, da televisão, teatro, enfim, a nossa prefeita e, também, a companheira da UNE.

Eu também estou, Creuza, muito emocionada por estar aqui, como todas que aqui passaram. É uma responsabilidade muito grande falar, sobretudo falar em nome de uma instituição. Estou aqui como superintendente de Educação Básica, Vilma virá aqui, também, falar, como representante da Sepromi, da responsabilidade que é. Porque nós que estamos na gestão pública, não somos iguais ao que normalmente se constrói em termos de gestão pública. Eu me percebo, assim, no lugar em que estou, como superintendente, que definitivamente, não, não é Vilma? A gente está lá e vê a todo momento, todo dia, acho que muitos dos companheiros e companheiras que aqui estão, também, as dificuldades que nós enfrentamos para promover, discutir, implementar políticas públicas que de fato representem uma mudança efetiva da realidade social, das desigualdades raciais, que enfrentem o racismo, a lesbofobia, a homofobia, o sexismo, que enfrentem a violência contra as mulheres, que façam uma educação, que façam uma educação e uma saúde pública de qualidade. É uma loucura.

Então, estar aqui neste lugar é nos comprometermos a cada momento. Quando a gente vem para cá, é como se a gente se recarregasse da certeza, Vilma, de que o que a gente vê lá dentro do Estado, como a *Rede Globo*, que é uma emissora que reproduz aquilo que existe de mais vil e excludente da sociedade, o Estado, também. O Estado foi forjado, ao longo dos seus 500 anos, como um Estado escravocrata, oligárquico, construído a partir de



uma base heterossexista, branca e masculina. O Estado é isso. O Estado representa o poder daqueles que estão no poder durante estes 500 anos. E nós, lá dentro, fazemos o enfrentamento a este Estado burguês, racista, sexista, enfim, homofóbico. É isso que a gente faz quando está lá no Estado.

E do lugar que estou, a educação, o que a gente busca é promover, reconhecer que a escola é o espaço de transformação, que a escola pública deve e tem de ser ressignificada, porque ela atende à maioria da população negra e feminina deste País. Ela precisa promover uma ação de construção de uma educação de qualidade, para que essa população possa acessar a educação, possa permanecer, concluir o seu processo educativo com qualidade, podendo voltar à sociedade como cidadãs e cidadãos que possam usufruir do bem público.

Então, é este o papel que a gente tem: promover uma educação efetivamente de qualidade. A educação pública, a escola, já foi uma escola de qualidade. Essa escola foi de qualidade até um determinado momento, em que ela formou as elites brasileiras. Depois, ela deixou de ser uma escola de qualidade e passou a ser aquilo que muita gente fala, que eu discordo, mas acho que ela é forte no sentido da palavra, de dizer que se assemelha a um reformatório, não é. A escola não é isso. A escola é um lugar de transformação, e estamos lá dentro discutindo e enfrentando os problemas para fazer da escola pública uma escola de qualidade que possa formar mulheres negras ativas e conscientes dos seus direitos e deveres. Então é aqui que falo desse lugar de educação, do lugar de mulher negra. É aqui que assumo este papel de discussão e enfrentamento à violência e ao racismo institucional.

Parabéns a todas vocês que estão na luta, que enfrentam e historicamente têm enfrentado o dia a dia. E este momento é de um reconhecimento importante, fundamental. Temos de fazer isso, Bira, todo 25 de julho. É realmente muito importante e fundamental este momento. Portanto, parabenizo a todos e espero que continuemos construindo este Brasil igual para todos e todas nós.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

**5947-III****Ses. Esp. 15/08/13****Or^a Marcela Santos****Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.**

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero registrar a presença da deputada Maria del Carmen. É uma satisfação muito grande tê-la nesta sessão. Registro também a de Remi, representante do deputado federal Afonso Florence, que está aqui desde o início. A nossa relação de amizade é tamanha que, às vezes, esquecemos o posto. E ainda a de Evilásio, subcoordenador do Nafro-PM. Lazo também está presente. Trata-se do Núcleo de Religiões de Matriz Africana da Polícia Militar, já citado hoje.(Palmas)

Quero neste momento passar a palavra a Marcela Santos, diretora de Combate ao Racismo da UNE.

A Sr^a MARCELA SANTOS:- Bom-dia a todos e todas. Quero saudar as autoridades presentes em nome do nosso anfitrião, deputado estadual Bira Corôa, e saúdo também as mulheres de luta, não só as de ontem como as de hoje e sempre, na figura da querida Vilma Reis, que para mim é um ícone da luta da mulher negra brasileira.

Quero dizer que compartilho muito com o que Borges falou em relação à representação da mulher negra. E digo que não é só na televisão porque, por exemplo, se olharmos este painel dos 63 deputados estaduais que há nesta Casa, apenas 10 são mulheres, mas e quantas são as mulheres negras? Aí, nós mulheres negras temos de pensar que somos mais da metade da população brasileira e que estamos adentrando as universidades com sistemas de cotas e do Pró-Uni. Isso ainda é muito diferente para as mulheres negras, as jovens negras, porque há uma lógica impregnada de que temos uma série de papéis a cumprir muito por conta da relação do patriarcado e do machismo na nossa sociedade, o qual nos oprime ainda mais aliado ao racismo, que diz que o lugar da mulher negra é cuidando da família sua ou alheia.

É claro que as domésticas haviam pensado em inúmeros avanços. Na minha opinião, trata-se de uma política racial porque éramos nós que estávamos lá nesses setores, mas também queremos ocupar outros espaços, outros lugares e temos total capacidade de



estar neles. O racismo e o machismo são conceitos políticos, porque fisiologicamente não existe diferença. Não somos piores que ninguém. Temos total ou maior capacidade, e isso está provado inclusive em relação ao sistema de cotas.

Houve várias pesquisas sobre o que esse sistema faria com as universidades brasileiras. Diziam que diminuiria a qualidade do nosso Ensino Superior, só que já provamos que não. Inclusive somos muito melhores do que aqueles que não entraram pelas cotas das universidades e nos dedicamos muito mais do que aqueles que entraram por vias normais e tiveram mais chances e oportunidades do que nós.

Mas também ainda é difícil ver a mulher negra. Sou uma jovem universitária, a primeira mulher diretora de Combate ao Racismo, estudo Direito e raramente vejo mulheres negras, jovens, companheiras estudando ao meu lado. É uma realidade muito difícil porque, mesmo quando entramos na universidade, querem dizer para nós quais os cursos que devemos fazer, geralmente ligados à tarefa do cuidado, como os de Enfermagem e Serviço Social. Não que os desprezemos, mas queremos também ser médicas, bacharéis em Direito, advogadas, juízas. (Muitas palmas.) Nós queremos ocupar todos os espaços da sociedade e fazer uma transformação radical desta mesma sociedade.

Agradeço pela oportunidade ao deputado estadual Bira Corôa. A UNE tem em você um aliado da luta. Nós, da parte de combate ao racismo, vamos-nos aproximar e estreitar ainda mais os nossos laços.

Deixo um convite não só para as jovens mulheres aqui presentes, mas, principalmente, às mulheres estudantes. A nossa luta é diária. A nossa luta acontece todos os dias combatendo o machismo, o racismo, o patriarcalismo.

A nossa luta começou há muito tempo quando fomos as primeiras mulheres a saírem dos espaços domésticos e vender nossos quitutes nas ruas, porque foi assim que a mulher começou a se emancipar: através do trabalho das mulheres negras. Ainda precisamos avançar muito. Vocês, da nova geração, têm muita responsabilidade nisso.

A nossa luta se dá todos os dias por uma sociedade não sexista, não machista, não homofóbica e não racista. (Muitas palmas.)

Muito obrigada.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

(Não foi revisto pela oradora.)



5948-III

Ses. Esp. 15/08/13

Or. Domingas da Paixão

Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido a deputada Maria del Carmen para compor a Mesa conosco.

E, ao mesmo tempo, convido para usar a tribuna a prefeita Domingas, do Município de Governador Mangabeira. (Palmas) Domingas é, para a Bahia, para o Recôncavo Baiano e para todos nós, um grande exemplo. Permita-me, Domingas, falar um pouco para destacar-lhe, porque acompanhei e acompanho a política de Governador Mangabeira.

Conheci Domingas ainda como vereadora naquele município – fomos vereadores no Município de Camaçari – e também através da relação com o professor Borges. Vivenciei o grande desafio. Conheci a história dessa mulher negra e o quanto superou barreiras e desafios. É uma satisfação muito grande, Domingas, poder contar com você no dia de hoje.

Com a palavra Domingas da Paixão.

A Sr^a DOMINGAS DA PAIXÃO:- Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu grande Deus, dizendo: tudo posso naquele que me fortalece, porque Ele é a razão do meu viver, é a razão do meu falar e o ar que respiro. (Palmas)

É muito difícil falar depois de tantas pessoas importantes como Vilma, por quem tenho uma admiração muito grande e a quem quero saudar nesta Mesa. Quero agradecer ao deputado Bira Corôa e ao Sr. Pitanga, pois já recebemos um prêmio juntos. É muito difícil, mas vou tentar.

Gostaria de iniciar dizendo o seguinte. Não peço desculpas pelos meus erros de português, porque só estudei até a 5ª série. Mas este é um débito dos 500 anos do meu Brasil. (Palmas) Para que eu fizesse uma reparação, meu deputado Bira Corôa, minha deputada, tive de entrar na cota – ainda não existia o programa de cotas –, refiro-me à cota do desafio, do preconceito, do racismo, da política.



Saúdo as mulheres lindas e os homens no Plenário; primeiro, as companheiras mulheres. Vocês precisam estar na política. Vocês precisam tomar como exemplo a capitã, que disse que, na Polícia, as mulheres são mais delicadas e são mais compreensivas. Vocês precisam estar na política para fazer esta transformação, mulheres. (Palmas)

Para que eu pudesse cobrar um pouco dos meus 500 anos... Quem me dera, companheira do sindicato, ter tido a liberdade aos 9 anos, pois já era bem crescida, trabalhava em casa de família e não tinha um sindicato para me defender. Trabalhava até a meia-noite e levantava às 5 da manhã para passar o enxoval bem passado, para cozinhar comida de forno, porque queria comer comida de forno e não ganhar, porque foi uma opção minha, porque eu tinha uma mãe que morava em casa de barro e não tinha o que comer, porque foi abandonada pelo meu pai quando eu era a quarta e ela estava grávida de mim. Então, em troca da comida e de um quarto, eu trabalhei 18 anos nessa casa de família. Agradeço porque bati por seis vezes na porta, e as outras portas me diziam: *“Não tenho comida para lhe dar”*, mas eu dizia *“não quero um prato de comida, quero trabalhar para dar comida para minha mãe”*. E essa porta se abria.

Por 18 anos eu trabalhei ralando vinte cocos, fazendo mingau, banana, aquela banana... – esqueci o nome –, mungunzá, lelê, para vender num armazém de fumo onde havia mil e tantos funcionários para ajudar a minha patroa, porque ela era parteira, saía, e eu tinha que fazer aquilo para poder fazer minha casa. Quando consegui ter folga, eu ia lá, cavava o barro, puxava água na cisterna, machucava o próprio barro, fazia o adobe e cobria com palha de bananeira para ter a casa da minha mãe. Quando fiz a casa de minha mãe, eu disse: *“Não posso fazer de você uma rainha, mas te fiz uma princesa porque tu tem uma casa, porque deixamos de dormir em cama de vara.”* Deixei de passar fome, já tinha um dinheirozinho para comprar comida.

E, aí, o destino me levou usada – usada, usada, pelos brancos – mas soube aproveitar essa maneira que me conduziu... Tive que ser política, em 1986, quando precisou mulher na política. Trabalhava na casa de um senhor branco. Já era funcionária da prefeitura, porque um senhor me botou, mas era funcionária que ia lavar o sanitário, mesmo sendo funcionária pública. E lá eles me botaram para ser vereadora. Mas não era pra ganhar! Eu



nem fui num comício! Mas eu tinha um trabalho, porque sempre gostei de ajudar as pessoas doentes, as pessoas que precisam. E tinha muito doutores. *“Negra do pé rachado, cabelo duro qual é o pente que te penteia?”* Era esse o meu chamado. Você vai deixar de votar num doutor para votar num tolete? Não precisa dizer, que é muito feio. E lá, quando saíram as urnas, fui a primeira vereadora mais votada do grupo de sessenta e poucos. (Palmas) E, aí, amigas, o que é que Domingas vai falar? Não sabe falar direito... O que é que vou falar? Mas eu tenho uma coisa que minha mãe me disse: *“Passe fome, passe sede, se tiver que um dia ser presa seja, mas seja dizendo a verdade e olhando olho no olho.”* (Palmas) Então, eu falava a verdade e fui.

Tive quatro mandatos de vereadora sendo a mais votada. Só estou contando um pouquinho para que vocês todas saibam que nós podemos. Levei quatro mandatos de vereadora passando as maiores dificuldades, mas levando a verdade. Em 2004 eu queria vir embora. Já tinha 18 anos e meus filhos estavam aqui estudando. Candidatei-me. Estava ali o vereador do PT, Borges, professor Borges, que teve coragem de ser meu vice. Ele era professor de um colégio onde ele debatia com analfabeto. E aí os alunos diziam: *“Professor, como é que você vai votar numa mulher que é semianalfabeta?”* Porque os alunos ouviam o que os “coronéis” falavam. E ele dizia: *“Não, mas eu acredito que ela pode nos ajudar a vocês terem um estudo melhor.”* Aí ele me seguiu. Mas eu não tinha um carro, não pedi voto. Eu dava o papelzinho com o nome de caneta, mas tive três mil e quatro votos. (Palmas)

Eu queria ir embora, mas aí não pude vir mais, porque o povo falava: *“Domingas, você não pode me deixar!”* Fiquei em 2008, ganhei. Disputei lá com um pessoal forte, mas ganhei. Ganhei mas tive uma batalha terrível, porque os grandões que me apoiaram não queriam que eu fizesse a política que eu queria. Eu tinha que ser prefeita para tirar as pessoas da... ia atrás de casa, porque não tive casa, para dar casa a quem não tem.

Tinha que ser uma prefeita para dar, hoje, o salário. Hoje, não já bem atrás, um professor, lá, nível médio, senhora assistente ou subsecretária do secretário da Educação do Estado, ganha R\$ 1.800,00! Coloquei e agradeço a Lula. Fui para Brasília e pedi a ele que a Faculdade do Recôncavo de Cruz das Almas tinha que absorver os professores da rede municipal. E lá tem mais de oito prefeituras que aderiram, e nossos professores nível médio



estão-se formando este ano, e a última turma está entrando, para serem todos nível superior. (Palmas)

Não podemos falar – deputado Bira, desculpe-me, mas a minha dor desta reparação é grande! – que temos 500 anos atrás em igualdade se não tivermos uma educação de qualidade, valorizando o estudo público! (Palmas) Posso dizer isso, e provar, que no meu município o IDEB, quando entrei na prefeitura, era 2 ponto alguma coisa e, hoje, é 4.5, e o Estado, lá, estava abaixo do nível de Mata de São João.

Mas, para conseguirmos transformar este Brasil, temos que pegar a escola e transformar. O mobiliário do meu município é o mesmo que tem no Colégio Anchieta, e quando comprei não sabia que só tinha no Colégio Anchieta.

A criança precisa ir para a escola com a mochila, com sapato bonzinho, igual. A criança tem que ir para a escola para encontrar a escola bonita, formada, com o seu desenho, os seus lapisinhos para ela poder chegar... Porque ela, ao sair de casa, onde não tem condições de ter o que ela precisa, chega na escola e encontra um ar bonito, um ar feliz, a professora feliz. Essa criança vai saber que a educação é a base de tudo, senhores estudantes, porque ex-prefeito existe, ex-deputado existe, mas ex-professor e ex-doutor não existe! (Palmas)

Tudo passa, senhores estudantes, deem valor ao que vocês têm, porque o deputado Bira Corôa vai passar, deputada vai passar, prefeita vai passar, mas o ex-professor e o ex-doutor não existe. O diploma de vocês rasga, mas vocês vão na faculdade, não é Profª Vilma?, e pega de novo, e vocês estão com o seu diploma.

Valorizem-se! Qualquer um é capaz de realizar os seus sonhos, só depende de vocês. Não existe nada fácil. Quando vocês encontrarem uma pedra no caminho, atravessem ela. Vai ter outra dificuldade, mas vocês vão superar. Porque é deste Brasil que a gente precisa, é de político. Por isso que chamo a atenção de vocês: quero terminar o meu mandato em 2016 e não quero mais política. Mas política, para mim, é continuar na política social, defendendo os direitos dos negros, dos homens, das pessoas, o *gay*, vou dizer no popular. Lá, eu criei a lei. Lá, eu tenho a marcha, eu boto o carro na rua. Eles vão, eu vou para cima do trio, falo, porque é o direito. A pessoa é o que é, a pessoa tem o direito à sua liberdade.



Gosto de defender, fui para a política, fui sentar naquela cadeira, porque só lá eu sei que poderei transformar.

Falar em 500 anos atrás e que, hoje, estamos em outra época, é muito bom. Mas eu quero, Srs. Deputados, senhores artistas – já vi ela aqui falar, esqueci-me o nome dela, conheço-a porque fico assistindo televisão às vezes (Risos) –, saber onde está o negro na televisão? Cadê o nosso movimento? Será que não está na hora de se pensar em cobrar da sociedade, da rede de comunicação que nós existimos? Onde estão os negros no Banco do Brasil? Onde está o negro na sociedade em Brasília? Até mesmo nos órgãos públicos, onde poderiam ter uma maior quantidade de negros!

Temos de estar falando e indo buscar, mas temos de cobrar mais! O negro, onde se encontra a maior quantidade é nas penitenciárias, pois não dão oportunidade do negro dizer que não fez aquilo. E, quando pegam, já pegam - me desculpem - levando para a penitenciária porque foi um negro.

Tenho o meu cabelo trançadinho e gosto de ser negra. Tenho orgulho, tranço direto, porque lá tem uma senhora que dizia ter vergonha da cidade dela ser representada por uma negra de trancinha. Então eu só vivo de trancinha! (Palmas!) Entenderam?

A gente tem de ver e respeitar, chamar os políticos, as pessoas que são de direito e perguntar: cadê os médicos? Nós temos aí. A Dilma está querendo reparar isso. Mas, Srª Secretária, para que possamos reparar temos de ter mais médicos pretos, negros. Porque o negro tem de se assumir assim, que é negro! É preciso ter uma melhor base na educação, porque o negro não tem como pagar um colégio como o Anchieta e tantos outros que são bons mesmo. Ele não tem! Ganha três salários mínimos. Portanto, como vai pagar um colégio de 600 a 700 reais?! Então precisamos dizer ao nosso secretário e ao nosso governador que precisamos de melhor qualidade na educação. Sei que hoje não é dia de falar isso, mas falamos quando há oportunidade. E esse é o meu povo que está aqui. (Palmas!) Aí, aproveitamos!

Também queria dizer para as minhas mulheres que estão aí que façam uma reflexão. Nós só temos... Quantas mulheres são prefeitas, deputado? Eu também não sei, não, viu?! Vamos deixar pra lá! Mas façam a reflexão. Tivemos aí a candidata Olívia, uma mulher



negra, de trança, determinada, corajosa! Acho que duas vezes ela tentou ser deputada, e não conseguiu.

Quando a jovem dizia que no painel não tinha mulher negra, não é a deputada Maria del Carmen e outras deputadas que têm culpa. A culpa é nossa. Façam uma reflexão e analisem esse item. Nós podemos botar negra ali naquele painel? Em 2014 haverá eleição para deputado. Nós podemos mudar este quadro? Nós podemos botar mais mulheres? Nós não somos a maioria? Vamos fazer uma reflexão. Vamos valorizar a nós mesmas, sem deixar de votar em homens como este deputado Bira Corôa porque, se não fosse ele, não estaríamos aqui falando.

Digo isso, minha deputada, porque já fui em Camaçari homenageada por ele. Então vamos fazer uma reflexão para vermos se não podemos botar mulheres ali. Vamos fazer mesmo uma reflexão e cobrar os nossos direitos para que estejamos lá nos lugares que nos pertencem! Quem é que assiste mais à *Rede Globo* e às outras televisões? São as camadas mais precisadas. Então vamos refletir, nós somos a maioria. Nós podemos, nós somos fortes! Não existe um grande homem. Existe, sim, uma grande mulher. E, ao lado de uma grande mulher, um grande homem. (Palmas!)

Queria agradecer e dizer-lhes para pensarem numa mulher sofrida. E, se vocês leem o jornal, verão muitas, porque o meu sofrimento faz parte da minha cor, das chicotadas que tomamos. Hoje não tomamos mais chicotada mesmo, aquela de bater, mas e a dor das perseguições? Inclusive para mim tem sido pior, porque imaginem vocês que ganhei duas vezes das maiores forças políticas e do neto da minha patroa, para a qual trabalhei por 18 anos!

Muito obrigada.

(Todo o Plenário aplaude de pé.)

(Não foi revisto pela oradora.)



5949-III

Ses. Esp. 15/08/13

Or^a Vilma Reis

Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos, Domingas! Não tínhamos dúvidas da importância e representatividade da sua luta como referência e exemplo, principalmente para esta juventude. Quero também registrar a presença do vereador Caneço, de Jaguaquara.

Convido para fazer uso da palavra Vilma Reis, representando a Secretaria da Promoção da Igualdade do Estado da Bahia.

A Sr^a VILMA REIS:- Bom dia. Falar depois da prefeita Domingas... uma Mesa tão poderosa. Para as pessoas que não me conhecem ainda, meu nome é Vilma Reis. Eu sempre me apresento com nome e sobrenome. Nós aprendemos, Neusa, com uma outra senhora que viveu muitos anos no Rio de Janeiro, uma antropóloga, filósofa, pensadora do Movimento Negro Unificado Brasileiro, chamada Lélia Gonzales. Numa sociedade racista, mulheres negras precisam ter nomes e sobrenomes, ou o racismo bota o nome que quiser na gente. Isso é fundamental. Muito obrigada às minhas companheiras que passaram por aqui.

Deputado Bira Corôa, neste ato, eu, como vice-presidente do CDCN - Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado da Bahia, órgão colegiado da Sepromi, represento o secretário Elias Sampaio, titular da Secretaria. Mas toda representação é outra apresentação. Portanto gostaria de começar dizendo que a fragata Gratidão do Povo foi feita, deputado, 100 anos antes, - ela conta uma história, e tem uma data ali, de 100 anos antes - de fazermos, Ana Torquato, do dia 25 de julho o Dia Latino-Americano e Caribenho das Mulheres Negras. Cem anos depois, nós voltamos para reescrever a história. Cem anos depois de 1892, em Santo Domingo, na República Dominicana, como nos disse Clyde Ford, que nós continuamos tropeçando, Ana Cristina, nos ossos dos nossos ancestrais, porque eles pedem por reparação. Nós voltamos para escrever o 25 de julho – Dia Latino-Americano e Caribenho das Mulheres Negras. Mulheres dos 35 países do continente americano. Resolvemos destacar naquele ato que era preciso falar das mulheres negras, mexer com a



estrutura política, prefeita Domingas. Quando nós encontramos a senhora, como disse certa vez Oprah sobre Mandela, quando ela encontrava Mandela os lugares ficavam maiores. E, quando nós encontramos a senhora, o lugar fica maior, se agiganta. Nós temos muito orgulho de a senhora vir do Recôncavo e fazer a política com o P maiúsculo. Muito obrigada. (Palmas)

Eu gostaria de agradecer à atriz Neusa Borges, porque quando a encontramos no meio da nossa sala, em casa, através da propaganda do governo da Bahia, falando das casas, a gente se viu pela primeira vez na publicidade, depois de muito tempo. (Palmas.) Aqui nesta Bahia, Neusa, às vezes tem uma, duas, três cantoras brancas fazendo campanha de aleitamento materno para se dirigir para 80% de mulheres negras. Então fica muito complicado. Nós temos lutado para produzir outras imagens.

Portanto o tema do dia de hoje, que é a identidade, e a produção de novas imagens é fundamental, deputado Bira Corôa, porque nós lutamos para fazer e produzir novas subjetividades. Novas subjetividades, quem falou aqui foi Marcela Santos, representante e dirigente da União Nacional dos Estudantes, e a capitã Bruna Graciele, representante de uma instituição importante, o Centro de Referência Maria Felipa, que recebe o nome daquela que comandou as 23 embarcações da Ilha de Itaparica, apontou para Salvador e disse aos portugueses que eles tinham que ir embora. Por isso o Brasil é independente, porque Maria Felipa, e não Labatut, dirigiu a revolução neste Estado e enfrentou o colonialismo português. (Palmas) É muito importante. Esse não é um nome que a gente fala sem ficar de pé!

Então, essa instituição que lutamos para que seja uma instituição não guerreira, patrimonialista, mas uma instituição capaz de discutir conosco, de nos olhar nos olhos e que nenhum dos seus membros tenha que baixar a cabeça quando vir uma militante do Movimento Negro. Nós reescrevemos a história deste País. Gostaria de dizer que daqui a pouco, daqui a uma semana, de 28 a 30 de agosto, a Bahia se reúne para realizar a 3ª Conferência Estadual de Promoção da Igualdade Racial, a 3ª Conepir, o tema dessa conferência é democracia e desenvolvimento sem racismo, por uma Bahia afirmativa.

Para nós é muito importante que autoridades desta Mesa, como mãe Jaciara, líder religiosa do Ilê Axé Abassá de Ogum, aquela que veio e assumiu o cargo porque o racismo, a



intolerância religiosa matou na sua mãe, Dona Gilda, do Abassá de Ogum. Mãe Jaciara, sempre que encontramos com a senhora lembramos que é preciso continuar lutando, a gente sempre lembra que o 21 de janeiro é uma data que nós ficamos de pé para dizer que ainda tem muita intolerância religiosa no Brasil e no mundo, e que foi paga exatamente com a vida da sua mãe, e é por isso que precisamos continuar fazendo do 25 de julho o dia latino-americano e caribenho de mulheres negras.

Como dizia Pitanga, a campanha de Benedita da Silva em 1992 a prefeita do Rio de Janeiro, quando veio com o *slogan* que dizia: “Quando derem chance ao morro, toda a cidade vai cantar”. Quando Benedita foi publicamente abatida numa campanha política, porque aquele Estado racista não admitia que uma mulher negra, valente, posicionada, essas que parecem com a gente, de cabeça erguida e bicão na diagonal, ousasse dirigir aquela que foi a capital da República. A sua elite nunca pensou de outro jeito.

Então, nós fazemos política com “P” maiúsculo.

Queremos lembrar que foi naquela cidade, também que, antes de todas nós, uma mulher, essa mulher, Lélia Gonzalez, numa chapa com Abdias do Nascimento, (muitas palamas), antes de todos os institutos de pesquisa neste País, Lélia Gonzalez disputou uma eleição naquela cidade e foi a mulher negra mais votada deste País, com 35 mil votos. Nenhum cientista político deste País contou essa história, precisou Michael Mitchel, da Associação Nacional de Políticos Negros dos Estados Unidos se sentar para contar essa história ao mundo, que uma mulher negra, dirigente do MNU, foi a mulher mais votada deste País na eleição de 1986. E mesmo assim Lélia não foi eleita. A nossa presença nas universidades, a nossa presença, professor Antônio Cosme, nas instituições é com essa responsabilidade, porque tem esse peso.

Outra questão, Neuza que queremos falar aqui é sobre uma campanha que nós vamos deflagrar nesse país, é que exatamente na cultura, hoje, circula em torno de 2 bilhões. Recentemente, a Fundação Cultural Palmares – o *MinC*– fez um edital, Pitanga, para premiar 32 iniciativas, na área do cinema e de outras linguagens das artes, com 9 milhões no edital, e um juiz do Maranhão embargou o edital. Pois ele só mexeu no vespeiro, como disse o



próprio presidente da Palmares, Hilton Cobra, nosso querido Cobrinha, dirigente da Companhia dos Comuns, no Rio de Janeiro.

Nós queremos, como *Candasses* foi apresentado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, nós queremos, não os 9 milhões que o juiz embargou, nós faremos campanha para que 40% desses 2 bilhões seja para produção afro-brasileira. Nós vamos disputar 800 milhões nesse país (Palmas). E isso para nós, é porque nós queremos para além dessa novela que acabou aqui, que foi com o Lázaro Ramos e a sua querida filha, que nós amamos, nesse país, que é a Camila Pitanga (Palmas). Nós queremos que, para além dos ventos que sopram nessa quinta-feira, que é de verde, que nós botamos verde para esse agosto, que para essa divindade, Evilásio Bolsas, dirigente do Nafro, Ivana, do Nafro, nós queremos que essa quinta-feira, que brilha nos nossos olhos que nós botamos verde e sabemos porquê. Que essas divindades nos ajudem a pensar como enfrentaremos esse ataque. E uma das primeiras formas que têm sido feitas nesse país pela nossa presença, porque como diz o nosso irmão Samuel, quem dorme com os olhos dos outros não acorda na hora que quer. (Palmas)

E o que é que nós estamos fazendo? O que é que nós queremos? Primeiro dizer que no Congresso, recentemente, por uma iniciativa histórica de Benedita da Silva e de outras parlamentares, e de outros parlamentares, nós aprovamos a PEC 478/2010, a PEC das Domésticas. Fizemos com que os direitos que os trabalhadores têm nesse país, desde 1934, pela primeira vez, como disse aquela, a pioneira, aquela que estava lá, em 1934, que era Jardelina Campos Melo, fez com que esse país, pela primeira vez, tente, porque ainda tem muita manobra no Congresso, tente que os direitos sejam reparados para as trabalhadoras domésticas. Estamos falando de 7,2 milhões de pessoas, o que não é pouco, estamos falando de uma revolução de costumes. (Palmas)

Quando estamos, Márcia, falando dessa revolução de costumes, estamos dizendo que ou o Brasil pensa nessa estrutura do trabalho doméstico ou a gente não consegue sair dos marcos da escravidão na modernidade, numa sociedade que se quer moderna, e por isso é tão perigoso. As pessoas acham, minhas queridas colegas, amigas nossas e as estudantes que estão aqui, Marcela, as pessoas acham que mulheres negras falam alto, que isso é uma falta de educação. Isso não é, isso é exercício de poder. (Palmas)



Nós, numa sociedade racista, não podemos falar baixo, nós não podemos não ter sobrenome, nós não podemos entrar de cabeça baixa, essa é a receita que o racismo, o machismo, a homofobia, a lesbofobia exige de nós, o ódio religioso para que a gente tenha vergonha de carregar a nossa conta no pescoço. Nós não podemos ter vergonha, porque nós construímos a possibilidade de estar aqui até agora. Se o Brasil é uma nação que se quer erguida, e de pé, é porque nós fizemos isso. Tem gente que quer contar a história do trabalho, da presença das mulheres no trabalho, contando que um grupo de mulheres queimou soutien para conquistar o mercado de trabalho. A gente pergunta: de que mulheres vocês estão falando mesmo, não é, Cleuza Santos? A gente pergunta, porque antes de queimarem soutiens nós tivemos que queimar engenho e enfrentar o colonizador-estuprador que queria avançar sobre nossos corpos. (Palmas)

Então, essa revolução de costumes que nós estamos fazendo, e o que essa PEC mexe, diz muito para nós nesses 21 anos de 25 de Julho, desse Dia Latino-americano e Caribenho de Mulheres Negras.

E por isso, deputado Bira Corôa, é tão importante que a gente faça prêmios e entregue. Que a gente celebre, porque essa é uma sociedade que se sente, minhas queridas amigas homenageadas hoje, bastante à vontade para nos destratar. Um tempo atrás, cheguei a uma cidade do interior para tomar posse como professora da Uneb e as pessoas especularam sobre tudo que eu teria ido fazer lá, menos o que eu realmente fui fazer, que era tomar posse numa universidade.

Obviamente, nós somos a geração que alteramos os lugares. A minha avó me disse em Nazaré das Farinhas, prefeita Domingas: “Eu estou catando pimenta, eu estou lavando de ganho, eu tenho roça de meia, mas você tem obrigação de ser doutora”. Essa lição que as mulheres negras sopraram nos nossos ouvidos, inspiradas por olhar, essas lições nós não esquecemos.

Eu vim para Salvador com 13 anos de idade. Nasci em Salvador, em Marechal Rondon e, pela violência do racismo, com 2 anos tive de ir para Nazaré das Farinhas, voltando para Salvador com 13 anos. Fui barraqueira de festa de largo, fiquei no trabalho



doméstico até os 18 anos de idade. Catei o resto da feira, aponteí jogo de bicho, lavei carro. Mas a voz da minha avó estava soprada no meu ouvido.

Então, aprendemos as lições e o legado do movimento negro. O legado do movimento de mulheres negras é a possibilidade de sermos, efetivamente, essa geração. Eu queria muito falar aqui com a deputada Neusa Cadore, porque, quando prefeita da cidade de Pintadas, ela ganhou um prêmio da revista *Cláudia*, junto com Creuza Oliveira, dirigente do Sindoméstico. E nós gostamos dessa política feita com P, com esse jeito nosso de fazer política. E como disse aqui a prefeita de Governador Mangabeira, Domingas, é muito importante que nessas tarefas que temos daqui para a frente, que estamos assumindo, que a gente pense que é muito importante que a agenda racial fique colada, superintendente Amélia, com a agenda de gênero.

] É muito importante que essas duas agendas caminhem juntas, porque, às vezes, nós perguntamos nesta Bahia profunda o que, efetivamente, nós vamos fazer e dirigir de política centrada para as mulheres negras. Como é importante, e não somos um detalhe, não é mesmo? Não somos um detalhe. Nós dirigimos as nossas casas, mesmos nessas casas com maridos, que são chefes de família quando o IBGE chega.

Mas quem faz a coisa acontecer somos nós. (Palmas) Precisamos compreender isso e por que é tão importante que uma SPM caminhe com uma Sepromi, e que venha para cá propor questões fundamentais para nós. Eu queria dizer, deputado dirigente desta sessão, e da Comissão de Promoção da Igualdade, que vamos batalhar muito para que o Estatuto da Igualdade Racial seja aprovado nesta Casa, para que a gente pense políticas direcionadas e que esta Casa, que às vezes é tão longe de nós, deputados, tão longe da Bahia, esta Bahia que está falando, dizendo alto que não aguenta mais, que não quer serviços públicos com baixa qualidade.

É muito importante que até novembro esse Estatuto, deputada Maria del Carmen, seja aprovado aqui com as condições, com fundo, com todas as possibilidades. Então, para a gente, que está nessa esfera do poder público, nunca vai ser igual mesmo, Amélia, para nós, porque nós tivemos que entrar derrubando uma série de cercas, não é, Ana? Temos que entrar derrubando várias cercas, vários muros.



Quando a gente entra no CAB, parece a Finlândia. Eu, que morei em duas sociedades consideradas bem brancas, morei na Áustria e nos Estados Unidos, na capital, quando eu circulo em alguns espaços da Bahia, simplesmente, eu não sinto que estou na Bahia.

Então nós, que já olhamos a Bahia por dentro e por fora, queremos efetivamente uma Bahia afirmativa que nos respeite enquanto sujeito político coletivo, mulher negra, que temos o que dizer e contribuir. E se este Estado está de pé é por conta do nosso trabalho. Recentemente uma jornalista de uma das TVs brasileiras que tem tentado produzir essas questões, moça branca, estava tão afetada que perguntou, realmente, o que poderia fazer diante de tudo o que eu estava dizendo. Eu disse que bastava que cada vez que ela olhasse para uma mulher como eu – como os EUA pensaram –, pensasse que poderia estar discutindo com a próxima presidente da República. Porque se a violação foi tanta, não aceitamos menos.

Viva nós e as águas! Viva nós e as águas! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



5950-III

Ses. Esp. 15/08/13

Or. Jaciara Ribeiro

Dia Internacional da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra Jaciara Ribeiro, representando a secretária de Políticas para as Mulheres Vera Lúcia. Permita-me, Jaciara Ribeiro, complementar dizendo: Mãe Jaciara. (Palmas)

A Sr^a JACIARA RIBEIRO:- Na verdade, estou me tremendo toda. É um momento mágico estar aqui numa sessão. A gente ouve falar em sessão de descarrego, sessão de tanta coisa, mas uma sessão especial como esta dá visibilidade a tantas histórias, me emociona muito. A gente não ensaia para falar de dor, sai do coração.

Então queria iniciar dizendo que tenho dois momentos de fala. Para quebrar o protocolo, devo dizer que estou aqui como mulher de candomblé, ialorixá do Axé Abassá de Ogum e como representante da Exm^a Secretária de Políticas para Mulheres do Estado da Bahia, Vera Lúcia Barbosa. Queria dizer da satisfação de estar aqui, Sr. Deputado Bira Corôa, e dizer que não temos estas oportunidades de poder falar da nossa verdadeira história. Porque falam o que quiser de nós.

Então queria saudar todas as mulheres presentes aqui na forma da ancestralidade que me conduz: em Mãe Gilda, que está em Orum; em Mãe Menininha do Gantois; e em três mulheres, que são Akalá, Detá e Iyá Nassô, que criou o primeiro terreiro de Candomblé da Bahia. Em nome dela, peço para falar na minha ancestralidade. E em nome de Vilma Reis, na pessoa da sua avó, Mariot. Nunca esqueço esse nome, porque Mariot tem uma história no meu terreiro, é ele que faz Ogum se enfeitar para ir à guerra. Muito forte para mim.

A gente pode ter muitas diferenças, cor de partido, quantidade, gênero, raça, tudo. É tudo muito novo, está tudo acontecendo muito rápido. O Estatuto da Igualdade está na gaveta, lei nº10.639 que não funciona, esse racismo que é perverso e que nos deixa, às vezes, muito tímida. E vocês que me antecederam só me dão fortalecimento para acreditar. Porque me emocionaram a prefeita Domingas, Creusa Santos, Vilma Reis e Neusa Borges.



E a gente não tem como por no *ori*, ou seja, na cabeça, uma fala arrumadinha. A gente traz o papel, como o deputado falou, mas é tanta emoção, é tanto racismo que a gente não consegue dizer onde vai começar. Ele está na saúde, quando a gente leva nossos filhos de santo para serem atendidos no SUS, a enfermeira não quer nos atender, diz que a gente está possuído.

Recentemente, a gente teve o caso de uma ialorixá do Opô Afonjá que foi para o Roberto Santos passando mal e a diretora do hospital, ou enfermeira, não sei, insultou-a e disse: Sai daqui, negra do demônio, do diabo! E a gente ainda está com essa pauta sem saber o que fazer.

E aí eu tenho o meu filho de santo que tem 13 anos de idade, é iniciado na minha casa. Fui à diretoria da escola, falar com o diretor que ele vai ter que usar branco, que ele é iniciado numa religião de matriz africana que é uma religião como outra qualquer, que não existe uma religião melhor que a outra. Como diz o Dalai Lama, a melhor religião é aquela que faz o ser melhor. E o candomblé é uma religião que consegue reescrever a história e o acolhimento do povo.

Eu sempre digo que o candomblé é um estado dentro do estado, porque tudo acontece dentro do terreiro de candomblé. A psicóloga é ialorixá, a médica é ialorixá, a educadora é ialorixá, e a gente não vê as políticas públicas chegarem a esse espaço nosso.

A gente já é modelo no Carnaval. A gente já é modelo no aeroporto onde as baianas são vestidas para dar fitinhas do Bonfim. Isso é muito diferente de ser sacerdotisa e a representação de uma religião que conseguiu ser arrancada da África de forma subumana, tendo que enterrar o orixá e dizer que está cultuando outra divindade, enterrar Santa Bárbara e dizer que cultua iansã num sincretismo que é perverso.

Mas entendo também que nesta Casa não me senti muito à vontade de estar sentada ao lado de uma Bíblia que não me representa. Em cima do meu ouri há o Cristo. Eu entendo que são vários caminhos. Muitos avanços a gente ainda pode conseguir. O Estado não é laico. Ele ainda é perverso.



Estou na secretaria de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia em que a secretária vem do movimento social da mulher negra que tem o cabelo mal-assombrado, porque a gente precisa dizer, falar alto e assustar, senão o racismo nos joga fora.

Se eu pudesse contar a perseguição que é ser ialorixá, mulher negra, estar dentro do Estado, esta sessão não poderia estar só aqui, ela teria que estar em rede mundial. O Brasil, o mundo, o universo, teria que ouvir o que é esse vídeo com essas mulheres de poder, o que é a experiência dessas mulheres, o que é a história de você ter uma ialorixá em casa - minha mãe biológica – que teve um terreiro invadido e a igreja adentrou o espaço dela e rumou a Bíblia na sua cabeça para a exorcizar, sendo ela uma mulher de 65 anos.

E eu caminho na Bahia. Há 13 anos, que Mãe Jaciara fala de intolerância religiosa, que não é uma bandeira só do abafá de ogum. Quando estou dentro do Estado, numa secretaria de Políticas para as Mulheres, que chego vestida de ialorixá, que o ascensorista fala assim: Queima, está amarrado, está no inferno, o que é que você faz num momento desse? Você não tem condição psicológica de trabalhar. Aí você vai chamar o Disque-Racismo, procura chamar Vilma Reis, Samuel Vida. O que é isso? Quem é que faz isso?

Fui convidada para ir à África representando o Estado. E a minha coordenadora executiva, que é branca, disse para mim: Isso é uma batata quente! Eu disse: então a senhora faz um purê e manda para o governador. (Palmas) Não tem como ensaiar uma história.

Agora fui convidada... Queria falar um pouco do terreiro, queria falar um pouco da secretária, mas ela está em Cachoeira e aí eu quebraria o protocolo. Ela sabe que nesses espaços, é como a prefeita, a gente não tem a mídia ao nosso favor. A mídia só diz que a gente é preto, é feio, é pobre.

Eu queria só contar uma coisa rapidinho. Atendi uma empresária de São Paulo que estava mal com a empresa dela, ela assessora vários artistas. Ela disse: Ah, mas não está dando certo. Eu disse: mas o que está acontecendo? Os meus produtos não estão saindo muito. Como são os produtos? As artistas que são negras. Os produtos negros não vendem. Eu disse: olha, eu não posso nem mais lhe atender. O racismo que ela usou: produto negro, as artistas negras não vendem. Eu disse: olha não tem ritual para racismo. Não há nenhum ritual que possa mudar isso. A senhora tem que entender a história que não tem produto ruim



negro. A senhora está sendo racista. E aí o meu ifá não fala mais, porque lidar com orixá é lidar com amor, com ocã.

Mas queria falar também da Secretaria de Políticas para as Mulheres que possui dois eixos que são: a autonomia da mulher e o combate a violência. E eu estar na secretaria não é um salário meu, acho que a gente buscar essa reparação de estar intencionando políticas públicas para essas mulheres.

A secretaria Vera Lúcia me escuta, porque a gente quebra os protocolos, não é Lindinalva? A gente vai pra cima como tratores dizendo que ela tem que dar um mimo para essas mulheres de candomblé da Bahia que não podem ser apenas cartão postal ou saírem abraçadas com deputado e vereador. Já me cansei, são 13 anos de luta, sorrindo, tirando foto e o racismo matando a gente e o extermínio da juventude negra crescendo.

Falei para o deputado Valmir Assunção, acho que foi por isso que ele me empregou na Sedes. Aí eu falei para eles: “para vocês é bom reinventar várias secretarias, é bom ter negros morrendo, mulher sofrendo, povo negro desempregado, porque dá ânimo para vocês nesse sentido.” Ele ficou olhando assim... E eu trabalhei na Sedes como coordenadora do Projeto Mulheres da Paz que tinha 700 mulheres. Quando eu chegava, elas diziam que eu era um anjo negro. Tá amarrado. E consegui fazer um trabalho acreditando que não é com ódio que se paga o ódio, a gente tem que mudar a história. Esse chicote que nos deixou marcas, que foi jogado em tantos lugares, hoje ainda é como uma caneta. Sabemos que temos que intensificar a nossa luta, como a prefeita Domingas diz, como a fala de Vilma - que é uma mulher que me inspira muito. Acredito que temos que entender a nossa união de estarmos fazendo esse bate-bola com o mandato de Bira Corôa, através de Lindinalva, com você na Sepromi agora, com a minha pessoa na SPM e outros lugares que temos nosso povo. A gente sempre se encontra, mas estamos precisando encontrar um ebó que faça com que essa revolução chegue e mude a nossa história.

Entendemos que fomos arrancados da África e agora o branco volta lá, eles criam um templo e ainda botam chifres nos nossos deuses africanos. Então, é em nome dessa dor, em nome dessa luta que travamos que estou aqui aclamando esse dia, que é o dia de Oxossi, que é um caçador e dono do alimento, que ele possa com sua flecha atingir, realmente, esse



caminho que precisamos encontrar. Esse eixo dessa igualdade, dessa luta, porque não temos mais tempo. Já tenho 13 anos tentando entender o que é essa intolerância religiosa, onde temos uma ialorixá em Ilhéus que é arrancada pela própria polícia, que é o Estado, espancada e jogada dentro de um formigueiro. Aí não sabemos o que fazer. Temos o terreiro de Mãe Rosa que é demolido por ordem da prefeitura.

Essa perversidade, essa forma que o branco tem de nos desaffricanizar. Estava toda mexida, não aguento mais ser chamada de negra, de macumbeira, já estava mudando, já estava ficando suave tirando as minhas peças, que é complicado. Aí chego vestida de branco e a minha coordenadora... Mas nós que somos de candomblé escutamos pelas paredes, somos mágicas. Essa coisa de falar alto, de sonhar, de acordar e entender que o momento é esse. Ela disse que o Estado agora estava muito enfeitado de turbantes, cheio de fios de conta, que não são enfeites, são poderes. Amarrar um turbante no ori é proteger o caminho que o orixá nos dá. O orixá entra pelo ori e sai pelo umbigo quando vamos para orum.

Então, para quebrar o protocolo, já falei da secretária, falei um pouco de mim, queria saudar as yamins, que são as mulheres que voam e que são ancestrais femininas, cantando neste espaço até para quebrar alguns protocolos de dogmas que estão aqui. Queria que todos ficassem de pé, porque estou chamando os ancestrais de cada um, porque para vocês estarem aqui vocês vieram de um útero. Então, as yamins são donas do útero. E que possamos ter, como esta sessão, o útero de fertilidade para aprovação do estatuto, para aprovação de tanta visibilidade de lutas. E dizer que um terreiro de candomblé tem que estar em cada bairro, porque são os terreiros que protegem a nossa ancestralidade e o nosso povo.

(A oradora faz uma saudação ao Plenário)

Que Oxum seja a água que lava os nossos caminhos e os nossos oris. Adupé.

(Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

**DL-02****Ses. Esp. 15/08/13**

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, vamos abrir a segunda etapa que são as homenageadas, agradecendo a Mesa, a deputada Maria del Carmen, que pelo elevado da hora não vai fazer uso da palavra, agradeço inclusive a ela por isso, e nesse exato momento, quero convidar para a segunda etapa desse processo. Vou fazer a entrega do primeiro troféu aqui em cima, depois convidamos as homenageadas, se quiserem fazer uso da palavra, um breve agradecimento, também deixaremos o microfone à disposição.

Quero nesse momento convidar Antônio Pitanga para receber, em nome da Comissão de Promoção da Igualdade desta Casa, da Assembleia Legislativa, em nome de Benedita da Silva, um simbólico reconhecimento da Bahia por Benedita da Silva, mulher negra, primeira mulher vereadora negra do estado do Rio de Janeiro, primeira mulher negra a sentar numa cadeira do Senado brasileiro, primeira mulher negra a assumir o governo do estado do Rio de Janeiro. Eu poderia estar destacando muito mais ações. E como mulher negra que compõe um *status* de condução de um País como o Brasil, na condição de ministra do governo Lula, mas muito mais do que tudo isso, é a mulher que conseguiu superar as dificuldades, assim como muito bem retratou Domingas que foi alfabetizada muito tarde, mas que muito cedo conseguiu mostrar para o Brasil e para todos nós que é possível ocupar os espaços de poderes neste País, é possível sonhar e acreditar nos sonhos, lutar por eles e realizá-los.

Então, em nome da Comissão de Promoção da Igualdade, quero passar às suas mãos, Antônio Pitanga, um troféu, e já agradeço a Benedita da Silva por nos ceder o nome a esse simbólico reconhecimento do Poder Legislativo do Estado da Bahia para com as mulheres que vêm transformando a nossa realidade. (Palmas)

O Sr. Antônio Pitanga:- Quero, em nome da Benedita da Silva, agradecer esse prêmio, esse símbolo de reconhecimento, através da Benedita da Silva, da mulher, a luta da mulher. Ela hoje, deputado Bira, fez um pronunciamento no Congresso, por isso que ela não está aqui, falando desse evento, nesse momento. Muitos falaram aqui e cada pessoa que falou



me tocou muito fundo no meu coração. Quando Bira disse assim: *nós somos os únicos homens na Mesa, que era para ser só mulheres*. A função da mulher, sem demagogia nenhuma, a sensibilidade do deputado é de ter essa sensibilidade e entendimento político de fazer um momento como esse.

O que mais me tocou em todas as falas foi dirigida à educação na formação. Nós temos um referencial, como falou a prefeita Domingas, da nossa história, ninguém aqui veio de berço de ouro. Tivemos uma estrada, através dos nossos antepassados, dramática.

Crescemos na construção da coisa mais importante deste País, que é a herança que deixamos, seja na culinária, na música, na dança, na Engenharia, na Física, com os negros que aqui estiveram vindos do Togo, Mali, Senegal, os quais fizeram o maior levante do Brasil. Mas foi abafado. Ninguém fala da Revolta dos Malês, do massacre que sofremos, construído em 1835.

A Benedita agradece, deputado, porque ela emergiu através da educação de uma favela. E dessa favela construiu com Lula o Partido dos Trabalhadores. Quando o deputado disse a primeira vereadora, a primeira deputada, é verdade. Ela veio das Favelas Chapéu Mangueira e Babilônia, através do Teatro do Oprimido, com sua formação do Augusto Boal, do conhecimento, da amizade e aproximação de Paulo Freire, para ensinar, alfabetizar os favelados na década de 60, através do Método Paulo Freire. Não foi através da educação.

Eu estava falando com a prefeita Domingas que temos a peça mais importante da democracia: o voto. Temos de olhar para o futuro agora. A história é o referencial, o futuro está nas nossas mãos, mulheres e homens negros, povo do meu País!

Muito obrigado, Bira Corôa, porque é só emoção no peito de um artista!

Conheço Neuza Borges e uma das fundadoras da *TV Globo*, que se chama Ruth de Souza. E Milton Gonçalves. Cadê eles?

Um beijo.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, convido a prefeita Domingas para homenagear a bispa Valdirene Francisca Santos Miranda, da AME Brasil. (Palmas!) Ela cresceu sob o contraste da violência no bairro de Saramandaia, onde descobriu sua vocação no resgate de jovens das drogas. Tem uma história montada e construída na luta em diversos



bairros da cidade de Salvador, como Bate Facho, Jaguaripe, Cajazeiras II, Saramandaia, e também em municípios do interior da Bahia, a exemplo de Camamu, entre outros.

Através do seu sacerdócio tem realizado casamentos, conciliações matrimoniais, mediado conflitos, visitado locais e acolhendo pessoas ainda marginalizadas no contexto da nossa sociedade. Esse trabalho cotidiano faz mais uma mulher vencedora entre milhares de mulheres negras neste nosso País, nesta nossa Bahia. (Palmas!)

A Sr^a Bispa Valdirene Miranda:- Bom-dia!

Quero agradecer a Deus, em primeiro lugar, à minha família e à AME Brasil, pela qual estou aqui, e gostaria de saudar a Mesa na pessoa do presidente Bira Corôa. Aleluia! Glorificado e exaltado seja o nome do Senhor! Saúdo também as demais autoridades presentes, os militares, os religiosos.

Serei breve. Falarei um pouco da minha história. Ela começou no bairro de Saramandaia. Hoje sou a bispa Valdirene, mas comecei como a missionária Valdirene. Saramandaia é tida como povinho, racinha e negritude. E eu fazendo um trabalho, ali naquele lugar, de resgate de almas, vi a necessidade de jovens sendo - Aleluia! Glorificado e exaltado seja o nome do Senhor! - mortos por causa das drogas, porque não tiveram estudo, não tiveram uma qualidade de estudo, uma qualidade de ensino, não tiveram uma oportunidade como muitos falaram aqui. E eu nasci ali, naquele local. Então, eu disse como negra: “Eu tenho que fazer a diferença, como negra!”. Ali comecei um trabalho social, Deus me exaltou e me ungiu a pastora. E não é fácil! Não é fácil, ainda! Foi enfrentando muitas dificuldades, mas, para a honra e glória do Senhor, há muitos jovens que estavam para ser mortos e Deus está resgatando através do nosso trabalho ali. Trabalho juntos, porque eu não estou só. Também louvo e agradeço a Deus por haver ovelhas aqui me acompanhando, não é?

Mas eu também quero agradecer as pérolas negras que estão aqui hoje. A vocês, mulheres, não importa a sua religião, não estou aqui para falar de religião, estou para falar aqui - nesta tarde, já! - das pérolas negras que serão homenageadas. O que Bira Corôa está fazendo com todos os seus pares aqui é muito importante para a mulher negra.

Alguns pastores e outros da comunidade disseram: “Aquela negrinha vai ser pastora?!”. E o trabalho começou a desenvolver. “Quem é ela? Ela não sabe falar direito!”



Começaram a invadir a igreja também para procurar...: “O jovem está devendo.” O jovem já havia aceitado Jesus, e queriam matá-lo a qualquer preço. O policial me parou, eu passei por várias situações difíceis: “É a senhora que está com ele?” Eu: “Sim, senhor!” “A senhora está com ele mesmo!” “Eu: Sim, senhor!” Devemos respeitar toda a autoridade que é constituída por Deus.

E aquele jovem tinha aceitado Jesus. Veio, sim, do tráfico, mas tinha aceitado Jesus e a sua vida mudou. Mas mesmo assim, não deixou de ser perseguido, porque era negro também. Hoje em dia, fica tão lindo de paletó e gravata, pregando o evangelho. Não tinha documento. Hoje, tem. Não trabalhava. Hoje, trabalha. Uma mudança linda! Linda mesmo! Mas para isso, sofremos preconceitos.

Eu, à época, quando fui consagrada pastora, não era casada. “Pastora, negrinha, e nem é casada”. E Deus foi e me deu o apóstolo Rogério Miranda, que está ali e tem-me ajudado muito. Como a senhora, não tive estudo, não tive ensinamento e nem nada. E agora estou aprendendo muito. E essas negras é quem tem que fazer a diferença onde quer que ande, onde quer que vá. (Palmas)

Peço ajuda, também, dos deputados que estão aqui presentes: “Ajudem-me, preciso de uma casa de recuperação para esses jovens!”

Recentemente, abriu um ministério ali, em Feira de Santana, uma criança de 12 anos, eu ali pregando o evangelho e a mãe dele fez assim: “Ajude o meu filho!”. Fui lá, conversei com ele. Ele assistiu ao culto, porque é assim que começa e estamos fazendo o trabalho social. Mas o que olho é a idade deles e o que Deus está fazendo na vida deles.

Deputado Bira Corôa, muito obrigada! Muito obrigada a todos! Estou muito emocionada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero, neste momento, convidar Amélia para entregar o prêmio a Josélia Santos, do município de Camaçari. Ela é economista com especialização em Economia Solidária, coordenadora do Programa de Economia Solidária daquela Prefeitura Municipal e militante das causas sociais. Conhecemo-nos há mais de trinta anos. Eu sou mais velho do que ela muitos anos. Conheci Josélia ainda menina, mas militando nas mesmas causas, no mesmo processo.



Josélia ousou fazer Economia numa época muito difícil. Conheço sua história de vida, sei dos desafios que enfrentou e vem fazendo um trabalho importante neste terceiro setor, na Economia Solidária, que até muito tempo não era percebido na economia do nosso País nem na mundial.

Josélia, esta é também uma homenagem deste Legislativo e da nossa Comissão Especial da Promoção da Igualdade, como reconhecimento da sua história de vida.

(Entrega da honraria.) (Palmas)

A Sr^a Josélia Santos:- Bom-dia, gente. Ou boa-tarde.

Eu não sou muito de falar. Estou emocionada. Hoje, aqui, foi só emoção. Isso só vem nos fortificar cada vez mais e nos desafiar.

Comecei a fazer militância aos quinze anos, dentro da Igreja Católica. Daí para cá não parei mais. Depois veio a proposta do Partido dos Trabalhadores. Naquele momento, entendi que era possível fazer alguma coisa. Ainda continuo acreditando na luta, é possível.

Quero parabenizar o deputado Bira Corôa por ter esse entendimento. Penso que é muito importante para nós uma mudança de mentalidade, de paradigma. Esta coisa de estar na luta contra a discriminação racial, a intolerância religiosa e pelos direitos humanos. Enfim, tudo isso. Mas é importante nos homenagear. Isso fortifica, empodera e nos deixa mais fortes no reconhecimento da nossa luta e do nosso povo, seja onde for que ele estiver, no movimento negro, no candomblé ou em qualquer outro lugar.

Agradeço a todos vocês. Aqui, sinto-me em casa, irmanada e estou muito feliz com isso. Parabéns a todos! Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido a nossa grande representante na mídia como mulher negra, Neuza Borges, para entregar a Márcia Short essa honraria.

Dispensio destacar Márcia como cantora. Destaco-a apenas como mulher negra. Eu também conheço parte da sua história.

É do conhecimento público da Bahia o quanto, na linguagem popular, ela ralou e vem ralando para estar nos palcos deste Estado e do Brasil como mulher negra, cantora e detentora de desafios mil no processo de vida. Mas está sempre firme nessa luta. Axé para você, companheira!



(Entrega da honraria.) (Palmas)

A Sr^a Márcia Short:- Boa-tarde a todos e todas.

Antes de tudo, obrigada, Bira, por sua lembrança e consideração, reconhecendo o meu trabalho e a minha história.

Gostaria de ser breve e falar da pertinência dessas ações. É disso que precisamos, ou seja, valorizar-nos, prestigiar-nos e afirmar-nos enquanto profissionais, enquanto negros, atuantes numa sociedade que insiste em nos imprensar na parede, colocar-nos no canto. Somos maioria e temos que ocupar os espaços que são nossos. Somos nós que nos vamos conduzir ao lugar que é do nosso merecimento.

Muito obrigada a todos e todas. Obrigada pelo carinho. Foi uma manhã de muita emoção. Estou muito feliz. Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar Rudimar Mota para fazer a entrega da honraria a Sueli Nelson Argolo. Sueli, vou deixar de falar a seu respeito, porque Rudimar me tomou essa fala, é dele.

O Sr. Rudimar Mota:- Boa tarde a todos e a todas. Quero trazer aqui, Bira, o abraço e o reconhecimento de Bento Ribeiro, representante da Cerb, parabenizando a você. Preparei um pequeno texto para homenagear as mulheres guerreiras, negras, baianas, em especial a minha colega de trabalho, companheira de muitos anos, Sueli.

(Lê): “A nossa história repleta de contos e sagas, tem contado com a força da mulher, essa força essencial e indispensável, muitas vezes insubstituível que deixaram marcas na nossa história, podemos citar aqui as grandes guerreiras que lutaram pela independência da Bahia como: Maria Felipa, Maria Quitéria e Joana Angélica.

A história de um povo é construída a partir da contribuição de lideranças que deixam as suas marcas, muitas delas anônimas, mas que, plantam as sementes para que futuras gerações colham os seus frutos.

Quero dizer que a companheira Sueli Nelson, que muitas vezes na sua trajetória de vida foi vítima de discriminação pelo fato de ser mulher negra e lutar por justiça e igualdade social, tem contribuído para que essas atitudes sejam páginas viradas na história do



nosso País, e essa sua luta ajudou a acumular forças tornando-a símbolo de superação e resistência contra todo tipo de violência contra a vida.

Parabéns companheira!! E continue sempre plantando a semente do bem, tão almejada pelos menos favorecidos que é a da justiça social e por um mundo melhor!

Obrigado!!” (Palmas)

A Srª Sueli Nelson Argolo:- Não vou mais falar de mim. Estou emocionada. Falo demais, mas este momento, como diz Neuza, é de todas que aqui vieram.

Quero agradecer a Deus, em primeiro lugar, porque é Ele quem tem-me dado força para estar lá fora na luta. Agradecer a meu marido que não pôde estar aqui, mas que anda lado a lado. Ele diz que no dia em que a mulher irá alcançar todos os cargos, em todos os lugares, o mundo será um lugar bem melhor. Agradecer a meus familiares aqui presentes e a todos vocês, Bira Corôa, companheiro de luta do PT, que desde o início da sua formação tem nos dado apoio lá em Juazeiro e a todas as mulheres aqui. A Luta continua. Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nesse momento quero chamar a mais jovem aqui da Mesa, Manoela, para entregar a Ana Cristina Santos a honraria. A professora Ana Cristina Santos é doutora em educação brasileira, integrante da Rede Nacional de Negros e Negras LGBT, também intitulada de Rede Afro/LGBT-Brasil. (Palmas)

A Srª Ana Cristina Santos:- Gostaria de agradecer o convite ao deputado Bira Corôa na pessoa de Lindinalva.

Quero falar que nós, mulheres negras, somos diversas. Agradeço o convite, enquanto lésbica e negra, para receber essa homenagem. Enquanto lésbica e negra, quero dizer que essa lembrança, essa homenagem, é para todas as lésbicas negras que estão invisibilizadas, estão na periferia, estão sem acesso a uma qualidade de acesso, ao sistema de saúde, a uma educação também que não chega a abordar, a contemplar 10.639 e não traz a especificidade de gênero e orientação sexual.

Também no trabalho, essa mulher negra lésbica, que quando é masculinizada, é tratada de outra forma.



E teríamos a tarde e a noite de discussão sobre toda essa invisibilidade e essa discriminação em torno da nossa orientação sexual.

Quero agradecer às mulheres negras que me antecederam, que vieram desde o continente africano, escravizadas, para este País e que vêm fazendo uma história. E aqui, na contemporaneidade, reporto-me à pessoa de Vilma Reis, que tenho também como exemplo e tento mirar-me nesse espelho.

Hoje, posso chegar nos espaços e dizer da minha luta enquanto lésbica negra, porque elas me dão essa abertura, elas já trazem tantas demandas.

Digo que, hoje, quero continuar com isso. E estou passando o bastão para outras que vêm, trazendo outras especificidades, visibilizando outras lutas.

Agradeço ao companheiro da Rede Afro, Nilton Luz; às companheiras de militância, Bárbara, Livia. E quero agradecer também, pela presença, à minha mãe, que me acompanha neste momento, (Palmas) enquanto mulher negra. E nossas avós sempre foram as nossas referências em todas as fases.

Quando me assumi como lésbica negra, no primeiro momento ela não entendia. Quando passou a entender, disse: “Quero que você seja feliz”. E fica o tempo todo preocupada com a lesbianfobia que eu possa estar sofrendo na sociedade.

Penso o quanto é importante dizer à sociedade que sou lésbica. Assim, combato as discriminações, os preconceitos.

E hoje ela está aqui, ao meu lado. Esse prêmio também é dela, porque também é uma militante da causa, é mãe de uma lésbica e está contribuindo com a criação das netas dentro da comunidade em que mora, buscando que essa comunidade, essa sociedade seja menos discriminatória, seja uma sociedade melhor para os que estão e para os que virão. Então, só tenho a agradecer.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero, neste momento, convidar Vilma Reis para passar a honraria a outra Vilma, Vilma Silva de Jesus, do Quilombo de Massaranduba, no Município de Irará, trabalhadora rural, rezadeira e professora que há muito tempo vinha



implementando ações e conhecimentos no contexto da educação sobre o enfrentamento ao racismo.

Além de rezadeira é também animadora de quadrilhas, participando também como conciliadora no contexto da sociedade em que está inserida.

(Procede-se à entrega da honraria.) (Palmas)

A Sr^a Vilma Silva de Jesus:- Boa-tarde, pessoal!

Agradeço ao deputado Bira Corôa e, também, a todos os presentes.

A minha colega de trabalho, Nilce, me convidou. Fiquei muito feliz. Mas na hora em que ela me fez o convite, disse que não sabia se daria para eu vir, porque cuido de um idoso que faz hemodiálise. Ela disse: “Dê um jeitinho”. Ela fez muito esforço para que eu estivesse presente. Agradeço a todos, mas principalmente a ela.

Em minha luta, sou professora. Quando trabalhava, a minha situação era difícil. Na época, as carteiras da sala de aula recebiam o nome de aviãozinho, porque, no momento em que uma criança estava sentada na cadeira, o outro já estava reclamando, dizendo que a cadeira balançava. Muitas pessoas também falavam: “Aquela negra?!” Como quem diz: “Aquela negra hoje é professora?!”

Foi muito difícil conviver com o racismo. Mas, graças a Deus, lutei. Sou professora aposentada há 14 anos. E, apesar da luta, estou bem, graças a Deus. Peço a Deus força para vencer e peço, também, força a Deus para todas as mulheres guerreiras, lutadoras. (Palmas) Existem mulheres que são mães e, ao mesmo tempo, pais – não é verdade? –, mas estão na luta para vencer.

Peço a Deus que nos abençoe e nos fortaleça para que sejamos sempre mulheres guerreiras.

Agradeço a Deus e a todos. (Muitas palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido o prefeito George, do município de Ichu, para entregar a Nilzete Bacelar esta nossa honraria.

Nilzete Bacelar é professora graduada em letras pela Uneb. Em todo seu histórico de vida, vem debatendo e discutindo os conflitos implementados pela discriminação racial e defendido a consolidação de uma sociedade mais justa, mais igualitária. (Palmas)



(Procede-se à entrega da honraria.) (Palmas)

A Sr^a Nilzete Bacelar: Quero agradecer ao deputado Bira Corôa e parabenizar todas nós, homenageadas, por este dia. Agradeço ao prefeito e à vereadora e professora Lúcia. Eles foram incentivadores de nosso trabalho em Ichu. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido Creusa para entregar a Edneia Souza Santos a nossa honraria.

Edneia Souza Santos é assistente social no município de Cruz das Almas, militante das causas sociais e populares, dirigente estadual do Partido dos Trabalhadores e tem uma história de vida montada na luta como mulher guerreira, somando-se a todas as outras homenageadas no dia de hoje.

(Procede-se à entrega da honraria.) (Palmas)

A Sr^a Edneia Souza Santos:- Agradeço ao nosso deputado Bira Corôa a presença do meu presidente de partido, José Dias de Macedo, e ao meu amigo e irmão Antônio Carlos, mais conhecido como Toinho da Boina.

A partir de hoje, tenho certeza de que todos os que estão presentes sairão daqui muito mais fortalecidos seja em que luta for.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido a capitã Bruna para entregar a nossa honraria a Terezinha de Jesus Santos Almeida, de Santa Cruz Cabrália.

Terezinha de Jesus é educadora, natural do município de Porto Seguro, secretária de Cultura na atual gestão da Prefeitura Municipal de Cabrália, pedagoga pós-graduada em Gestão, participou de várias intervenções no município, inclusive foi secretária da Educação do município de Cabrália, fundadora e dirigente do Partido dos Trabalhadores e militante das causas populares e sociais. (Palma)

A Sr^a Terezinha de Jesus:- Bom-dia a todos e a todas. Jorginho, depois vou acertar as contas com você. Minha pressão é emocional. Estou ali... não sabia que ia viver esta manhã tão emocionante. Quero agradecer ao companheiro Bira pela homenagem. Sinceramente, pegou-me de surpresa. Chorei muito ao ouvir as histórias, o que cada um passou. E posso dizer que você é uma pessoa abençoada. Abençoada porque tive um pai e



uma mãe que viveram tudo de ruim por mim, mas mesmo assim eu não deixei de acreditar e querer lutar pelo bem comum. Estou emocionada demais, peço desculpas.

Quero agradecer às minhas colaboradoras Márcia e Adriana, que vieram comigo para receber esta homenagem. Estou felicíssima, feliz mesmo. Sempre fui uma menina gaiata, porque meu pai falou “você tem que ser gaiata, você tem que chegar e ocupar os espaços, não baixe sua cabeça, não. Olhe nos olhos. Você é uma negra linda. Você é uma pessoa bonita, então, não tenha vergonha de ser você. Não tenha medo de enfrentar!” (Palmas) E eu fiz isso. Fiz e faço. E ninguém venha botar o dedo no meu rosto, não. Não venha dizer que sou pior, não, que é melhor do que eu, porque não é mesmo! Vamos para o mesmo lugar depois que morrermos. Ninguém é melhor do que ninguém.

Então, Bira, obrigada pela homenagem. Vocês me emocionaram muito hoje de manhã. Estava ali, a pressão subiu, o pescoço doeu, e eu falei “não posso desmaiar aqui, não.” E eu sou isto: sou Terezinha, uma pessoa simples, lá do extremo sul da Bahia, uma pessoa que acredita que o bem comum tem que ser a melhor coisa que a gente pode fazer. Eu não gosto de pensar o individual. Para mim, as lutas têm que ser coletivas. Chorei muito na fala da prefeita Domingas. Graças a Deus, prefeita, meu pai colocou-me na escola logo cedo. Eu não fui alfabetizada tarde. Aos 7 anos eu já lia, mas como eu sou gaiata, não é?, vim ao mundo para brilhar, sou uma estrela, dirigente do PT, vou brilhar muito mais, tenho certeza, junto com vocês.

Bom-dia. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, quero convidar a deputada Maria del Carmen para entregar a Ana Lúcia, coordenadora pedagógica que desenvolve um trabalho social... Ana Lúcia, pedagoga, consultora pedagógica de projetos, consultora e formadora de coordenadores pedagógicos no Programa Parâmetros em Ação do Ministério da Educação.

(A Sr^a Deputada Maria del Carmen faz a entrega da placa.) (Palmas)

A Sr^a Ana Lúcia:-Bom-dia. Serei breve porque foram tantas falas e me sinto muito contemplada por todas as falas que passaram por aqui hoje. Foi uma verdadeira aula para mim como educadora. Quero cumprimentar todos vocês da Mesa. Peço permissão especial à



professora Vilma por quem tenho uma grande admiração, pelo seu trabalho e pela sua luta. Você já esteve no subúrbio ferroviário fazendo palestra na CRE, onde hoje eu trabalho como coordenadora pedagógica. Tenho muito orgulho de ser educadora no subúrbio ferroviário.

Quero pedir permissão a vocês também para fazer um agradecimento aos meus ancestrais: minha avó, Eduarda Lopes; aos meus pais, que não estão mais aqui presentes Lourival Lopes e Antônia Pereira Santos. Quero fazer um agradecimento também a Alexandre por ter feito a indicação.

Sinto-me uma pequena estrela no meio de tantas grandiosas estrelas aqui presentes, mas saio daqui com mais vontade de brilhar, porque sabemos que a caminhada ainda é grande e a luta nos chama a cada dia. E dizer que este troféu representa as tantas e tantas mulheres lutadores e guerreiras que estão aí no dia a dia e talvez nunca terão oportunidade de estar aqui neste momento. E a gente vai estar representando cada uma delas. Muito obrigada. (Palmas)

E, acima de tudo, não professando a religião de matriz africana, mas sou grande admiradora porque tenho irmão e filho que são dessa religião. E os meus ancestrais foram também. Mas quero agradecer a Mãe Oxum (Palmas). Essa orixá chorona que está aqui me segurando para não chorar.

Muito obrigada, deputado.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Para a próxima homenagem, quero registrar também a presença do Tata Eurico, presidente do Conselho Municipal das Comunidades Negras, também do Nafro (Palmas). Quero registrar também a presença do Ogã Alnei Meireles, do Conselho das Comunidades Negras de Salvador. (Palmas)

Neste momento, quero convidar Mãe Jaciara para fazer a entrega a Maria Ana Almeida dos Reis, que vem lá de uma luta quilombola, com muita resistência, disposição e determinação do município Caém. É vereadora, mulher negra, agricultora, nasceu na comunidade em que tem toda a história de luta e de trabalho, que é o povoado de Piabas, no município de Caém. Maria Ana está no segundo mandato na Câmara Municipal de Caém, onde brilha. De sua força e coragem se faz ser respeitada e ouvida, onde sua história de luta é



ressaltada. Parabéns por mais essa contribuição que dá à luta de transformação, de consolidação político-social do nosso povo.

A Sr^a Ana Maria Almeida dos Reis:- Boa-tare a todos. Muito obrigada, Sr. Deputado, quero aqui agradecer muito por este troféu; agradecer ao vereador e professor Didi, um colega de trabalho; agradecer pelo convite, foi ele quem me ligou; “E aí, Maria, vamos lá receber essa homenagem?” De imediato eu disse: “Vou, sim”. Agradecer ao deputado Bira Corôa por esta coragem de nos homenagear; agradecer a Mesa desta Casa.

A minha vida não é diferente à de tantas outras que passaram por aqui. As palavras da prefeita me chamaram também muita atenção, prefeita, pois a gente que é preta sofre muito com o preconceito. Não sou diferente de vocês, tanto que não tenho o meu marido, ele foi assassinado por ser preto. Mas...(choro) não podia deixar que essa luta, essa conquista dele deixasse de lado, não defendesse o nosso povo, por isso hoje estou aqui.

Também agradeço ao meu irmão Pedrinho, que muito me deu apoio logo no início, quando eu disse: “Não sei se quero mais a política.” E o meu pai dizia: “Minha filha, veja o seu marido, veja o seu sogro e não enfrente mais a política.” Mas Pedrinho, meu irmão, estava ali dizendo: “Não, nós não vamos deixar que isso aconteça. Nós vamos defender, sim, o nosso povo.” Hoje estou aqui também graças aos colegas de lá que tanto me ajudaram e a vocês que nos fazem esta homenagem.

Muito obrigada. Me desculpem pela emoção. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- A emoção é nossa. Nós que conhecemos a história da luta no município de Caém, o processo da luta de disputa política e tivemos a oportunidade de conhecer o nosso companheiro que se foi, mas deixou a luta viva. A senhora muito bem representa esta luta, vereadora.

Neste momento, estamos próximos ao encerramento da sessão, mas temos ainda um vídeo de apenas quatro minutos a ser exibido para que possamos, de fato, encerrar e poder participar de um breve coquetel no salão principal.

(Apresentação do vídeo) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Agradeço, em especial, aos servidores desta Casa, porque nós, praticamente, estouramos o horário de almoço de todos e todas,



especialmente aos servidores e servidoras da Casa. Quero agradecer a toda a Mesa – não vou nominar todos, em razão do tempo –, a todos e a todas que contribuíram, especialmente a todos os homenageados neste dia, e reafirmar que esta homenagem é nada mais, nada menos do que um reconhecimento do Poder Legislativo do Estado da Bahia, através da Comissão de Promoção da Igualdade, do quanto somos importantes nesta nossa sociedade, do quanto temos ainda a contribuir e a transformar essa nossa sociedade. Desejo que as nossas experiências de vida e que a história de cada uma, destacada no dia de hoje, sirva como referencial para que as próximas gerações possam dar continuidade a esse processo de luta, reafirmar e consolidar essa sociedade tão esperada e tão batalhada por todos nós, que é a sociedade mais justa e mais igualitária em que os direitos e as oportunidades não sejam direcionados pela epiderme, não sejam direcionados pela orientação sexual, não sejam direcionados pela escolha religiosa ou pela opção religiosa e, muito menos, seja elemento de divisão de classes econômicas, mas que, sim, ela seja espaço de disposição e de acessibilidade a todos e a todas.

Desejo que este dia, em que estamos celebrando uma sessão especial para ressaltarmos as mulheres negras da América Latina e do Caribe, não seja apenas um dia das nossas vidas, mas todos os dias das nossas vidas.

Em nome do Poder Legislativo do Estado da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, militares e eclesiásticas, dos Srs. Deputados e das Sr^{as}. Deputadas, da imprensa, dos servidores e de todos que fizeram deste dia de hoje, manhã e parte da tarde, talvez um dos dias mais significativos do Poder Legislativo do Estado da Bahia.

Boa-tarde, obrigado a todos e todas.

Declaro encerrada a sessão especial. (Palmas)